

Ana Maria Gonçalves: pioneirismo na ABL

Com 30 votos dos 31 possíveis, um resultado quase unânime em uma instituição que nunca dera esse passo antes para uma mulher negra, Ana Maria teve sua eleição confirmada como um momento histórico. 13ª mulher eleita na história da ABL, a acadêmica, que sucedeu o saudoso gramático e filólogo Evanildo Bechara, é a primeira mulher negra a integrar a instituição desde a sua inauguração. (Por Manoela Ferrari - págs. 10 e 11)



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br



Editorial

A imprensa deve acompanhar o progresso inevitável. É por isso que vemos com simpatia o desenvolvimento da inteligência artificial, que se tornou uma presença constante nas páginas da grande imprensa. Não há dia em que não sai alguma matéria sobre a IA e a sua expansão. O Brasil está se preparando com todo o cuidado possível para esses novos tempos – e isso é muito positivo. Vemos com toda simpatia a construção de necessários *data centers* nas principais capitais brasileiras, prova de que estamos atentos ao progresso indispensável.

O EDITOR



Viagem ao Delta do Parnaíba, na embarcação Antares, a convite de Jose Francisco Landim. Na foto, o grupo no Porto das Barcas. Em pé: Álvaro Pacheco, Emilia Pacheco, João Condé, Rachel de Queiroz, Maria Alice Barroso, Ruth Niskier e Ana Elisa. Agachados: Anélise Pacheco e Arnaldo Niskier, então presidente da Academia Brasileira de Letras.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretaria executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

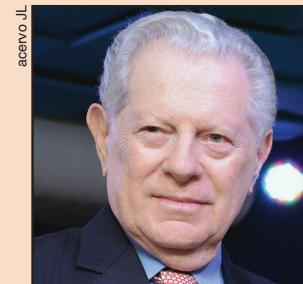
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO

INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião

Arnaldo Niskier



A primeira mulher negra da ABL

Fui visitar Ana Maria Gonçalves, a primeira mulher negra a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras, depois de 128 anos de existência.

Uma visita simpática, cercada de todo carinho. A escritora de *Um Defeito de Cor* utiliza uma linguagem mais inclusiva.

Ela ocupou a vaga que pertenceu, com muita honra, à figura inexcedível do linguista Evanildo Bechara. Deixará muita saudade.

Ana é uma mineira de 54 anos, que passará a ocupar a cadeira nº 33. Segundo suas declarações, a Academia determinou repensar os aspectos da diversidade, em que primeiro se cogitou o nome de Conceição Evaristo, mas não colou. Em sua primeira eleição, Conceição não passou de um voto e isso teve uma explicação. Ela entrou na disputa criticando a postura da Academia e isso causou má impressão. São suas declarações: “Pensei que posso levar para a ABL um público leitor que se via representado pela leitura que não se via representado pela literatura que se produz lá dentro. Tenho muita vontade de agir institucionalmente em prol dos novos escritores e novas tecnologias de saber, incorporando a oralidade e a ‘escrevivência’, que são modos muito nossos de fazer literatura.”

Ana Maria é considerada uma autora de virada na literatura negra brasileira. O livro foi publicado em 2006, com olhos voltados para a elaboração da escravidão como um dos pilares da identidade do país. A lista ficou um tempo nas obras de maior vendagem. O livro é formulado pelo conflito e não pela idealização.

O Defeito de Cor já vendeu mais de 180 mil exemplares e ficou como um marco de reconhecimento de que a ABL desejava a diversidade. A verdade é que a partir da eleição de Krenak, índio, considerava exatamente isso. Passou-se a considerar que a ABL pensava exatamente essa representatividade. A eleição desses dois profissionais, Krenak e Ana Maria Gonçalves, mostrou uma nova postura da Casa de Machado de Assis.

O que se deseja, segundo seus dirigentes, é que eles não podem ser elementos únicos dessa representatividade.

“A literatura é uma defesa contra as ofensas da vida.”

Cesare Pavese

O palimpsesto de Annie Ernaux

Por Vera Lúcia de oliveira*



Annie Ernaux, primeira escritora francesa premiada pelo Nobel em 2022 e seu livro *Os Anos*.

Engana-se o leitor que pensa que vai ler de uma sentada as 219 páginas de *Os Anos* (SP: Fósforo, 2022), de Annie Ernaux (1940-). Os anos de que ela fala passam lentamente, mas arrastando tudo como um rio turbulento que leva casa, pedaço de madeira, bicho morto e o que mais encontrar em suas margens. Assim *Os anos* arrastam as lembranças, os acontecimentos, que arrastam outros no seu bojo, como na ideia de tempo de Zenão; são os fatos mais importantes da memória coletiva do século XX, com seus desdobramentos e fantasmas do passado da vivência da autora, em imagens e vozes que vêm do tempo recuperado, desde a tenra infância no interior da França, onde nasceu em 1940, até o momento de maturidade em que escreve essas memórias e tem “a sensação de que o livro está se escrevendo sozinho a partir dos rastros dela” (p. 129).

Por isso a leitura lenta que o livro exige, pois assiste-se ao desfile da história como num filme documentário em que a retrospectiva segue linearmente os anos que passam, como as folhas de um calendário que vão se soltando uma a uma e se perdendo no tempo, levadas pelo vento, ou um palimpsesto em que a História vai se reescrevendo ininterruptamente.

São as vozes que vêm da privação, da pobreza de antes da guerra em que todos estavam mergulhados “em uma noite imemorial, no próprio ‘tempo’” (p. 24) quando moravam em casas de chão batido, lavavam roupas com cinza de madeira, usavam panelas escurecidas sem cabos, casacos remendados; as bonecas eram de pano, as crianças eram comportadas e temiam os adultos, mas se encantavam com suas histórias que transmitiam a memória do passado. E toda família perdia uma criança por doença inesperada.

Um dos recursos da autora é olhar as suas fotos, mesmo desfocadas, e da família, mais os colegas de estudo e amigos, um grande *álbum de família* – às vezes com nostalgia pelas mãos que não podem mais ser apertadas – para falar da passagem do tempo nos cabelos, no rosto cada vez mais magro de hoje, nas mudanças e perdas. Para ela, no entanto, o importante é “capturar a duração

que constitui sua passagem pela terra...” (p. 216). Annie não se exime de autocrítica na longa jornada da vida e relata corajosamente seu desconforto tanto na família quanto no casamento, do qual após alguns anos se desgarrou, dos amantes que teve, da mãe, avó, que foi, e é, de dois filhos e netos. Da professora de ensino médio por mais de trinta anos, e leitora apaixonada até tornar-se a primeira escritora francesa premiada pelo Nobel em 2022, foi um longo e árduo caminho.

Outro recurso que utiliza para criar distanciamento e isenção é o uso da terceira pessoa do discurso em que se coloca como observadora e personagem, com o objetivo de ver-se inserida no contexto social, como a parte de um todo:

“Assim, a forma de seu livro só pode surgir de uma imersão nas imagens da sua memória para detalhar os traços específicos da época do ano, mais ou menos precisos [...]. Aquilo que este mundo inscreveu nela e em seus contemporâneos lhe servirá para reconstituir um tempo comum [...]” (p. 216).

Não fossem também a maestria e perspicácia de uma grande observadora de seu/nosso tempo, o relato autobiográfico seria apenas mais um saído dentre os inúmeros testemunhos do pós-guerra na Europa. O que faz toda a diferença é o olhar crítico, imparcial sobre a sociedade e a política da França. Esse, aliás, é o ponto forte do livro, pois Annie Ernaux traz os acontecimentos em que a participação da juventude para reformas do ensino, como o Maio de 68, foi decisiva na luta contra o autoritarismo de séculos no ensino francês e mundial. Ainda

as mudanças na política com a subida da esquerda ao poder nos anos 1980, com François Mitterrand, quando milhares de pessoas “jovens, mulheres, operários, professores, artistas e homossexuais, enfermeiras, carteiros” (p. 130) queriam reescrever a história outra vez, desde a Frente Popular, de 1936. Diz ela:

“Era necessário ocupar o passado outra vez, retomar a Bastilha, se embebedar de símbolos e de nostalgia antes de enfrentar o futuro. As lágrimas de Mendès France ao abraçar Mitterrand eram nossas. Foi engraçado ver os mais ricos assustados fugindo para a Suíça para esconder seu dinheiro, e foi preciso tranquilizar as secretárias que estavam persuadidas de que seu apartamento seria estatizado.” (p. 130).

A segunda metade do século 20 foi um período de avanços inimagináveis na sociedade francesa, como a abolição da pena de morte, para citar apenas um exemplo fundamental. Mas os tempos também sopraram em direção contrária. Vieram crises e a extrema direita reapareceu na figura de Jean-Marie Le Pen, determinada a desfazer o que o governo anterior fizera. Era o retrocesso. E, em meio às mudanças políticas, outras vieram modernizar os costumes e a vida das famílias, como os novos eletrônicos e as máquinas que facilitavam o serviço doméstico; a nova música que chegava da América e da Inglaterra, as novas vestimentas e cabelos longos mostravam a rebeldia dos jovens. Como mulher, Annie destaca a invenção da pílula anticoncepcional – quase uma revolução copernicana – que tornou a mulher dona do próprio corpo e da sua sexualidade.

E mais mudanças importantes chegavam do Leste: o Muro de Berlim desabara em 9 de novembro de 1989. Assim como a Guerra da Argélia, nada escapou do crivo justo da autora para o conhecimento da história recente, com o olhar sensível e humano de quem vê com acuidade o mundo em que vive/vivemos.

E é com um final belo e nostálgico que encerra e declara o seu propósito da escrita do livro: “Salvar alguma coisa deste tempo no qual nós nunca mais estaremos.” (p. 219).

JL Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● VAI ATÉ O DIA 21 DE MARÇO, na FGV, a exposição "Adiar o fim do mundo", com curadoria do acadêmico Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff. A mostra reúne saberes ancestrais e grandes nomes de diferentes regiões e gerações da arte brasileira.

● AOS 90 ANOS, MYRIAM DAULSBERG revisita sua história e a da Dellarte, uma das principais empresas dedicadas à difusão das artes no país. Relembrando episódios marcantes, a autora lançou o livro *Atrás do Palco*, pela Editora Rebento.

● DENTRO DO NOVO PROJETO GRÁFICO que marcou o retorno da obra do poeta à Editora Record, *Discurso de Primavera e Algumas Sombras*, de Carlos Drummond de Andrade, traz fixação de texto por Edmilson Caminha.

● EM COMO SEI O QUE SEI, PETRIA CHAVE entrevista grandes nomes da neurociência, psicanálise e arte para investigar o que é a intuição e como ela pode nos orientar em tempos de incerteza.

● O PROJETO NAVEGAR É PRECISO, idealizado pela Livraria da Vila e Auroraeco, chega à sua 14ª edição em 2026. Entre 27 de abril e 1º de maio, o barco realizará o trajeto pelo Rio Negro com a presença de vários escritores.

● O JORNALISTA DANIEL SETTI lançou o segundo volume da obra *Do Vinil ao Streaming* (Ed. Autêntica).

● A ATRIZ, ESCRITORA E DOCUMENTARISTA Maria Ribeiro estreou na editora Record com *Não Sei Se É Bom, Mas É Teu*, compilação de crônicas escritas desde 2018. Com prefácio de Anitta, posfácio de Caetano Veloso e texto de orelha de Alexandre Machado.

● A BACIA DO PRATA NO SÉCULO XIX: POLÍTICA, ECONOMIA E SOCIEDADE, coletânea organizada pelo Embaixador Gelson Fonseca Jr. e pelo professor Rodrigo Goyena Soares, reúne ensaios sobre a his-

tória da região do Prata no século XIX.

● DOZE ANOS APÓS SEU ÚLTIMO LANÇAMENTO, Adélia Prado lançou *O Jardim das Oliveiras*, com 105 poemas inéditos. A publicação comemorou os 90 anos da autora, em 13 de dezembro de 2025.

● O BEIJO NO LEPROSO, do acadêmico francês François Mauriac, Nobel de Literatura em 1952, retorna às livrarias depois de muitas décadas em edição da José Olympio, com tradução inédita de Ivone Benedetti.

● FOTÓGRAFO E PSICÓLOGO, Marcelo Celeste lançou *Tempo Possível* (Ed. Independente), onde explora o tempo cíclico e o distanciamento da vida natural.

● ROMANCE FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA LITERATURA, *Cem Anos de Solidão* (Ed. Record), de Gabriel García Márquez, ganhou edição primorosa em capa dura, com ilustrações inéditas da artista chilena Luisa Rivera.

● O ESCRIVENTE DO CHÃO, de Diego Mendes Sousa, publicado pela Editora Litteralux, ganhou belo projeto gráfico de Karina Tenório.

● LIVRO INÉDITO NO BRASIL, que chega às livrarias pela ed. José Olympio, *Uma Casa na Areia*, escrito por Pablo Neruda (1904-1973), traz poemas sobre uma das residências mais queridas de Neruda, sua casa em Isla Negra.

● EU ESCRIVO: DILEMAS DA ESCRITA EM SI (ed. Record), organizado por Natalia Timerman e Gabriela Aguerre, reúne, de forma inédita, textos de 23 autores e críticos contemporâneos sobre as narrativas em primeira pessoa.

● NO LIVRO UM CICLISTA CONTRA O NAZISMO (Manole), Alberto Toscano mergulha na vida e nos feitos esportivos e humanitários de Gino Bartali (1914 - 2000) em meio à Segunda Guerra.

● O DESPOJO DO CARAMUJO,

JL Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

POLÍTICO



Breve Romance de Despedida, novo romance independente de Marília Lovaté, traz uma importante reflexão sobre o envelhecer e o desapego.

● *EU, INÚTIL* (ASES DA LITERATURA), de Cibele Laurentino, olha de frente para o impacto psicológico da maternidade narcisista, mas sem reduzir sua personagem à dor.

● *Hipopótamo* (TODAVIA), de Chico Mattoso, tem como protagonista o menino Rodrigo, cujos pais foram perseguidos pelo regime militar.

● *Mais do que um romance sobre pandemia ou solidão, Mesa para Dois* (Labrador), de Denis Amaral, é uma investigação existencial, oferecendo ao leitor não apenas a história de um homem, mas um espelho das incertezas de toda uma geração.

● *Fora da Rota* (TODAVIA), estreia de Evelyn Blaut é uma travessia poética pelos escombros do luto.

● *Em Engravidiei* (CARAVANA GRUPO EDITORIAL), a doutora em Literatura (UFC) e pós-doutora em Escrita Criativa (PUCRS) Andrea Nunes se lança num mergulho íntimo e corajoso.

● *O Livro Os Óculos e Outras Réplicas* (Kafka Edições) reúne contos das escritoras Denise Miotto Mazocco e

Marcella Lopes Guimarães.

● *Com prefácio do pesquisador e crítico Carlos Didier, o produtor e radialista João Carino lançou o romance Zezinho de Nervina*, onde recria o espírito musical da Lapa carioca dos anos 1940.

● *Compreendendo a Depressão* (MANOLE), escrito pelos psiquiatras Rodolfo Damiano e Marcus Vinicius Zanetti e pelas psicólogas Loren Beiram e Letícia Lopes de Figueiredo, pesquisadores do Instituto de Psiquiatria da USP, desvenda as causas da doença que afeta cerca de 300 milhões de pessoas no mundo.

● *Em Estranhos no Caís* (TODAVIA), Tash Aw faz uma meditação profunda sobre o silêncio que cerca as histórias de imigração dentro e fora da Ásia.

● *Cidadão*, novo livro de Ricardo Pecego, publicado pela Editora Cachalote mergulha na complexidade das relações urbanas e questiona a indiferença social.

● *Brincadeiras à Parte* (PLANETA), obra da atriz, cantora e escritora Letrux, compartilha contos dedicados a brincadeiras que tratam de temas como sexualidade, feminismo, música, autoconecimento, amizade e relacionamentos.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier - Ilustrações de Zé Roberto

Historinhas

"Joana e Marcela não crêem em histórias de finais felizes."

Escrevendo dessa forma, não dá pra crer em nada mesmo! De acordo com o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, o acento circunflexo nas letras dobradas desaparece: (**voo**, **enjoo**, **creem**, **leem**, **veem**).

Frase correta: "Joana e Marcela não **creem** em histórias de finais felizes."

Ainda o circunflexo

"Adriana contou para amigas que ela e os primos tem duas casas de herança."

Não sei se essa herança ficará com eles... Segundo o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, o acento circunflexo **não foi abolido** como forma de diferenciar o singular e o plural dos verbos **ter** e **vir** e seus derivados.

Período correto: "Adriana contou para amigas que ela e os primos têm duas casas de herança."

Estar, está e esta

Para não errar nunca mais:

Estar: verbo estar no infinitivo pessoal.

Ex.: Faço de tudo para **estar** o resto da minha viagem com boas recordações.

Está: verbo estar na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Ela **está** animada para a viagem com as amigas.

Esta: pronome demonstrativo.

Ex.: **Esta** mulher ficou preocupada com a viagem de avião.

Moralidade

"Jaqueline levantou a moral dos estudantes antes do Enem."

Aposto que não foram bem no exame.

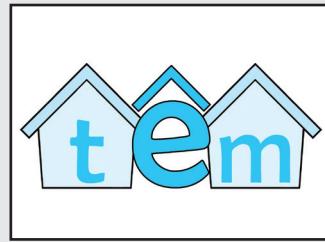
Veja: **A moral** – utilizada no sentido de bons costumes.

Ex.: "A jovem precisa manter **a moral** da família, vestindo-se de forma adequada no casamento da prima."

O moral – utilizado no sentido de ânimo.

Ex.: "O treinador levantou **o moral** dos jogadores antes da partida."

Frase correta: "Jaqueline levantou **o moral** dos estudantes antes do Enem."



Calzone ruim

"Leila pediu um calzone de mussarela."

Esse calzone esfriou... **Muçarela** vem do italiano mzzarella. Ao ser aportuguesada, os dois **zz** passam a ser **ç**, logo, muçarela.

Frase correta: "Leila pediu um calzone de **muçarela**."

Cansaço

"Um dos jogadores do time ficou prostado depois do treino."

Não é para menos! A palavra "prostado" não existe. O correto é **prostrado** (particípio do verbo prostrar), que significa: abatido, desfalecido, enfraquecido.

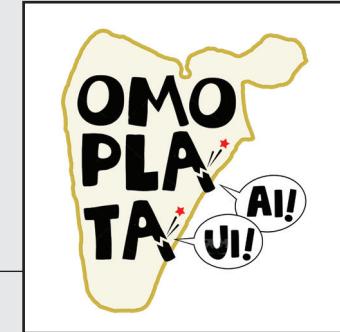
Frase correta: "Um dos jogadores do time ficou **prostrado** depois do treino."

Contusão I

"Durante a final do campeonato, o jogador caiu e fraturou o omoplata."

Coitado! Deve ter doído muito, mas quebrou o osso errado. A palavra omoplata é um substantivo feminino: **a omoplata**.

Período correto: "Durante a final do campeonato o jogador caiu e fraturou **a omoplata**."



Contusão II

"Após a jogada perigosa, o jogador foi atendido pelo médico, que lhe indicou uma pomada para uso esterno."

Certamente não foi bom o resultado, não curando a contusão do atleta.

Observe: externo – do lado de fora, exterior.

esterno – osso dianteiro do peito.

Período correto: "Após a jogada perigosa, o jogador foi atendido pelo médico, que lhe indicou uma pomada para uso **externo**."

High society

"Hercules sempre foi grã fino e anda na alta sociedade."

Escrevendo dessa forma, duvido muito!

Sempre se emprega hífen nas palavras compostas cujo primeiro elemento seja **grã** ou **grão** (formas reduzidas de **grande**).

Frase correta: "Hercules sempre foi **grã-fino** e anda na alta sociedade."

Perdido

"Anderson não sabe onde pôs o desodorante aerosol."

Assim, não vai achar nunca!

A palavra aerosol está escrita de forma errada.

Veja: as palavras formadas pelo prefixo **aero** seguidas do segundo elemento iniciados por **r** ou **s**, estas consoantes se duplicam. Ex.: aerossônusite, aerorraquia.

Frase correta: "Anderson não sabe onde pôs o desodorante **aerosol**."

A proibição do descanso

Por Gabriel Chalita*

Quem proibiu o descanso? Quem incompreendeu que, entre os dias, há a noite que, entre as noites, há o dia? Que entre as notas, que fazem música, há a pausa, que, entre as pausas, há as notas que fazem música?

Há o arar, com as mãos, a terra do mundo. E há as mãos em oração. Há as mãos em oração, acreditando nas mãos e na oração. Nas mãos que oferecem abraços e perfumes e alimentos e cobertas para aliviar o frio. O frio do mundo.

Entre os tempos frios, há o tempo quente. Entre os tempos quentes, há o tempo frio. Há o tempo do crescer, que é sagrado. Que, quando se lhe apressam, se desperdiçam os tempos. Os tempos tantos entre a chegada e a partida. Os tempos das paisagens.

As paisagens nascem no descanso, quando se tem tempo para ver. Para ver o mundo nos olhos que temos e não em outros. Para falar com o mundo, com as bocas que temos. E com os ouvidos que temos para ouvir.

Ouvir o silêncio é acreditar nas mãos e na oração. Ouvir o silêncio é ouvir o mundo inteiro e não a parte dele que nos parte.

Parte do mundo é barulho. É cobrança. É desrespeito.

Ouvir o silêncio é ouvir o mundo, também, de dentro. E os limites

que temos. E a solidão bonita de lembrar que um dia vamos.

Se um dia vamos, por que os cansaços? Se um dia vamos, por que os exageros? As mãos que temos não fazem tudo. Tampouco os pés. Não há por que andar sem paradas. Sem paradas, não há fotografias. Sem paradas, não há o instante silencioso do amor.

O amor é uma parada no tempo. O amor é um aconchego entre a chegada e a partida. O amor é a vitória sobre os barulhos de fora e de dentro. Ninguém abraça a si mesmo.

A proibição do descanso é indevida. A vida deve ao descanso seus respiros elevadores.

Nascem crianças, crianças que dormem, que espreguiçam sem preocupações o corpo que vai crescer.

Crescemos esquecendo. Do bonito do despreocupar, do sorrir da brincadeira mais simples, do colo seguro do descansar. Os cansaços dos descansos impedem o bonito, impedem o ver, o falar, o ouvir.

Nos barulhos cansados, ninguém ouve ninguém. E não há abraços. E, então, a vida que nasce todos os dias não nasce. Porque o hoje é ainda ontem com todos os barulhos que ficaram pela proibição do descanso. Com a proibição do descanso, o amor deixa de apresentar pessoas e paisagens e orações.

A maturidade precisa nos devolver o bonito da infância. Se, na infância, víamos a margem da chegada e nos despedíamos dela, aos poucos, na maturidade, vemos a margem da partida. E vemos o que partiu no atravessar da vida. E vemos o pensamento. Vemos, se não autorizarmos a proibição do descanso.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Carolina

Por Raquel Naveira*

Observo as fotografias de Carolina. Carolina Augusta Xavier de Novaes, a esposa de Machado de Assis. Vestido escuro, austero, todo fechado. Cabelos pretos, presos em coque. Bonita sim. Séria. Quem teria sido essa mulher que viveu por décadas ao lado do escritor? Era portuguesa, irmã do poeta Faustino Xavier de Novaes, amigo de Machado. Culta, forte, inteligente, oriunda de uma elite intelectual. O namoro com Machado foi, a princípio, reprovado pela família. Ele era mulato e humilde. Seria um rebaixamento cultural. Uma vida de dificuldades financeiras. Mas os apaixonados insistiram, trocaram inúmeras cartas, cheias de declarações amorosas como esta: "Carolina, tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Além disso, tens para mim um dote, que realça os demais: sofreste." Que sofrimento ela teria passado? Uma decepção amorosa em terras lusitanas? Afinal, Carolina tinha 32 anos quando se casou. Cinco a mais do que Machado. Permanece o mistério.

O certo é que ela foi companheira na vida e na arte. Nada era publicado antes do seu aval, da sua leitura atenta, da sua revisão ao passar os textos do marido a limpo. Foi ela que o apresentou aos autores portugueses, ingleses e clássicos. Amava os romances de Jane Austen e das irmãs Brontë. Era caprichosa com a casa, com o arquivamento dos livros e dos papéis. Carolina deu a Machado a estabilidade emocional necessária para o desenvolvimento de uma extensa obra literária. Era desembaraçada, falante. Transitava bem entre os colegas escritores. Nas crises de epilepsia de Machado, era ela quem o socorria, afastava-o dos olhares curiosos, enxugava o suor de sua testa e a espuma de sua boca. O casal não teve filhos, o que os entristecia. Mas viviam intensamente um para o outro. Machado escreveu: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria."

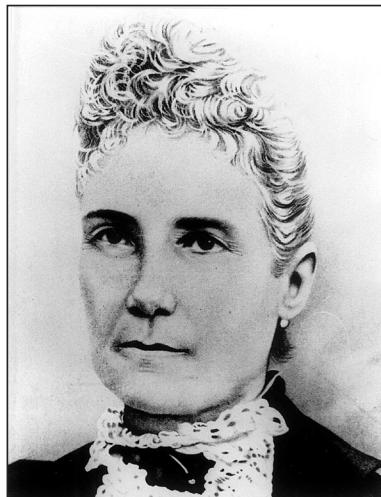
A morte de Carolina em 1904 foi um duro golpe para Machado, que viveu seus últimos dias terrivelmente abatido. Escreveu a Joaquim Nabuco: "Foi-se a melhor parte da minha vida, aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la... mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada." Nessa mesma ocasião, vem a lume o soneto *A Carolina*, uma peça comovente:

Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que a despeito de toda a humana lida
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-lhe flores, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.



Imaginei-me na pele de um leitor anônimo relembrando a figura de Carolina, os passos de Machado. Surgiu este poema:

Muitas vezes os vi
No Cosme Velho,
Na casa mergulhada em árvores,
Rosas e murtas,
Carolina vestida de preto,
Machado olhando o regato,
Partilhando o silêncio e as borboletas.

De manhã,
O rosto dele,
Franzino e mulato,
Ficava ao centro da janela,
Debruçado sobre papéis avulsos,
Ora observava os retratos,
Ora os formatos das letras.

Depois caminhava pela rua do Ouvidor,
Entre alfaiates,
Floristas,
Joalheiros,
Cumprimentando a todos, cortês,
Chegava à livraria Garnier
Em busca de um livro francês.

Estava na repartição,
No gabinete,
Nos jantares,
Nas reuniões,
Sempre com sua ironia tranquila,
Cheio de piedade
Por vítimas e algozes.

Seu cotidiano,
Presenciei,
Era simples e burguês,
Mas da mente saíam crisálidas,
Falenas,
Vermes que roíam cadáveres
Em ressacas de pessimismo.

Assisti ao calvário de sua doença:
A ausência,
A boca amarga,
A crise de nervos,
Como se Netuno
Com seu tridente
Abalasse suas carnes de vulcão.

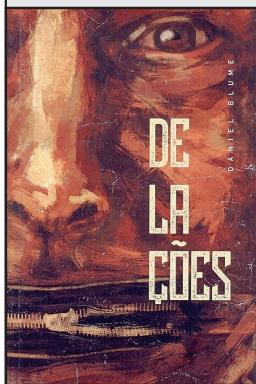
Estava perto
Naquele domingo
Quando ele saltou do bonde
Segurando flores,
Em direção ao cemitério,
Ao túmulo de Carolina,
Ao leito derradeiro
Da amada compreensiva e boa.

Fui eu o leitor anônimo
Que lhe fez a última visita
Bati na porta,
Abriram,
Conduziram-me até ele,
Ajoelhei-me,
Tomei sua mão de mestre,
Beijei-a
E pensei:
"Sou o filho que não tiveste,
Aquele a quem deixaste teu legado:
Teus livros, teu encanto
E a compreensão de nossa miséria".

JL Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Delações

Delações (Helvetia Edições) é o quarto livro de poesias de Daniel Blume, que já lançou *Inicial*, *Penal* e *Resposta ao Terno*. Dividido em quatro partes, os capítulos abarcam eixos temáticos: *De Poetas*, *De Personagens*, *De Lugares* e *De Corpos*. Tecendo um “mosaico bem sortido de percepções”, em poemas curtos na forma e profundos no conteúdo, a escrita sensível do autor apresenta uma trama de significados que “delatam” (e dilatam) os sentidos da leitura. Na orelha, Hagamenon de Jesus observa o fazer poético de Blume: “Ao poeta, se impõe inescapavelmente o conviver com esta dominadora e indefinível entidade que é a poesia,

que determina seu modo de ver a vida e de posicionar-se frente ao mundo.” Advogado e escritor, Daniel Blume nasceu em São Luis do Maranhão, em 27 de outubro de 1977. É doutor em Direito pela Universidade Autônoma de Lisboa. Seus livros já foram traduzidos para o espanhol, o francês e o italiano. É membro do PEN Clube do Brasil, da Academia Internacional de Cultura e da Academia de Letras e Música do Brasil. Titular da Cadeira de número 15 da Academia Ludovicense de Letras, é procurador do Estado do Maranhão, membro efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, conselheiro federal da Ordem dos Advogados do Brasil e ex-juiz eleitoral.

Na Altura dos Olhos

Na Altura dos Olhos (Editora Primata), de Alex Cabral Silva, reúne 12 contos distribuídos em 84 páginas. A obra é um convite a observar além do que está diante de nós, processando o mundo em que vivemos por meio de nossas subjetividades. A cada história, perspectivas pessoais — de tipos distintos, nas mais variadas locações — forjam interpretações do que notamos e de como processamos o mundo à nossa volta. O despencar de um cupido em ação, o desaparecimento de um escritor desprestigiado dentro de uma pintura e o contemplar de um jardim que não é possível levar na mudança estão entre os temas. Com influências que vão da poesia simbolista à tradição dos haicais, o autor constrói uma obra onde a linguagem é afirmação de potência. *Na Altura dos Olhos* é o primeiro livro do jornalista Alex Cabral Silva. Petropolitano, estudou roteiro na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Atualmente, é colunista do site JP Revistas onde, semanalmente, resenha os últimos lançamentos das plataformas de streaming no gênero documentário. Essa publicação começou a ser pensada em 2006, quando já trabalhava como jornalista. Cobria shows e lançamentos cinematográficos quando resolveu estudar roteiro para aperfeiçoar suas análises sobre os filmes que resenhava.

Diplomatas, Escritores, Imortais

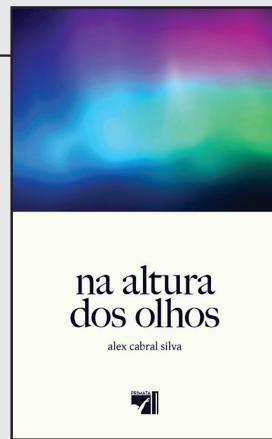
Diplomatas, Escritores, Imortais (Fundação Alexandre de Gusmão), organizado pelo acadêmico e embaixador João Almino, reúne ensaios inéditos de especialistas sobre diplomatas brasileiros que se destacaram na literatura, incluindo o Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Aluísio Azevedo, Domício da Gama, Oliveira Lima, Graça Aranha, Magalhães de Azeredo, João Neves da Fontoura, Ribeiro Couto, Afonso Arinos de Melo Franco, Guimarães Rosa, Antonio Houaiss, Sérgio Corrêa da Costa, João Cabral, Alberto da Costa e Silva, Sergio Rouanet e José Guilherme Merquior. A obra inaugura importante parceria entre a FUNAG e a ABL, no intuito de promover publicações dedicadas à valorização da cultura brasileira e da diplomacia. O embaixador João Almino nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1950. Bacharel em Direito pela UERJ, tem mestrado em sociologia pela UnB, doutorado em História Comparada das Civilizações Contemporâneas pela *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris* (1980) e pós-doutorado no Centro de Estudos Avançados da USP. Ensinou na Fundação Universidade de Brasília (UnB), na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), no Instituto Rio Branco e nas universidades de Berkeley, Stanford e Chicago. Serviu nas Embaixadas do Brasil em Paris, México e Washington e ganhou vários prêmios.



Será!

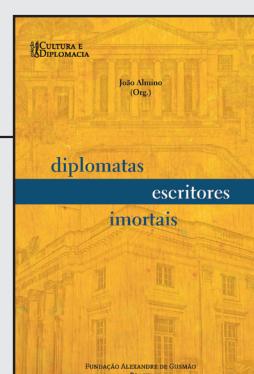
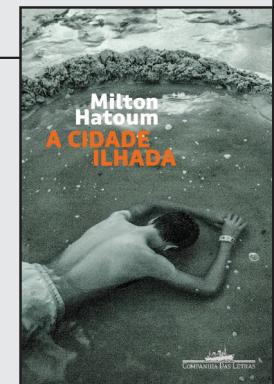
A obra *Será!* (Editora Máquina de Livros, 2025) revive as crises, a genialidade e os bastidores da gravação do primeiro disco da banda Legião Urbana, contados por seu produtor José Emilio Rondeau.

Brigas com produtores, tensão no estúdio e a entrada de um novo integrante alguns dias antes do início das gravações compõem a narrativa. Em meio ao caos instalado na EMI-Odeon, o jornalista, crítico musical e diretor de videoclipes José Emilio Rondeau assumiu a produção do que viria a ser o álbum de estreia da maior banda brasileira de todos os tempos. As músicas “Será”, “Ainda é cedo”, “Geração Coca-Cola”, “Por enquanto” e outros sucessos explodiram nas rádios em 1985. Quarenta anos depois, Rondeau mergulhou em suas memórias para revisitar os bastidores daqueles cinco meses de gravação neste livro (*Será!*), que reúne curiosidades e histórias nunca contadas, com detalhes saborosos. O livro tem prefácio assinado por João Barone, baterista dos Paralamas do Sucesso – os “padrinhos da Legião”, nas palavras de Renato Russo – e traz fotos raras de Mauricio Valladares registradas durante as gravações. O projeto gráfico de Bruno Drummond valoriza todos os elementos gráficos do encarte do disco, além de reproduzir na capa do livro o vinil em tamanho real.



A Cidade Ilhada

Nos contos breves de *A Cidade Ilhada* (Companhia das Letras), o acadêmico Milton Hatoum lança seus personagens num vaivém incessante, vivo ou apenas imaginado, entre Paris e Bangkok, Barcelona e Berkeley, em meio a desencontros, exílios, fantasmas da família e da província. As histórias reunidas em seu primeiro volume de contos retratam relances de experiência vivida, recolhidos em tramas brevíssimas, de dicção enxuta em que tudo ganha nitidez máxima. As sementes das histórias de Hatoum não poderiam ser mais diversas: a primeira visita a um bordel em “Varandas da Eva”; uma passagem de Euclides da Cunha em “Uma carta de Bancroft”; a vida de exilados em “Bárbara no inverno” ou “Encontros na península”; o amor platônico por uma inglesinha em “Uma estrangeira da nossa rua”. Com mão discreta e madura, o imortal trabalha esses fragmentos da memória com maestria. Um dos principais nomes da literatura contemporânea brasileira, nascido em Manaus no dia 19 de agosto de 1952, com mais de 500 mil livros vendidos em diversos países, o premiado escritor, conhecido por misturar experiências e lembranças pessoais com o contexto sociocultural da Amazônia e do Oriente, ocupa a cadeira 6 da Academia Brasileira de Letras desde agosto de 2025.



Por uma Poética da Criatividade

Por uma Poética da Criatividade (publicado pela PUC-Rio em coedição com a Hucitec Editora) é o primeiro livro do padre Anderson Antonio Pedroso, SJ, reitor da PUC-Rio. Trata-se de um convite à reflexão crítica e existencial sobre a arte e a imagem técnica. Padre Anderson expõe a contribuição de Vilém Flusser aos estudos sobre a história da arte, apresentando a noção de arte do filósofo e, consequentemente, capturando seu imaginário particular. Através desta abordagem, oferece bases consistentes para compreender a relevância e a atualidade do pensamento flusseriano como meio revelador do mundo técnico-imaginativo moderno. De acordo com o autor: “O quadro mais amplo é, portanto, o de uma história da cultura, da qual Flusser propõe uma análise aprofundada por meio de um retorno às origens. Como sabemos, após a descoberta progressiva de outras civilizações, o desenvolvimento dos estudos etnológicos no século XIX contribuiu para reposicionar a arte no quadro mais abrangente da antropologia cultural. Isso colocou em questão a própria noção de arte, ao mesmo tempo em que o exótico e o primitivo exerciam uma fascinação sobre as vanguardas artísticas do século XX. Em vez de uma leitura linear e progressiva da história da arte, Flusser prefere uma releitura das bases teóricas e práticas do fenômeno artístico.”



Otto Lara Resende: Um sujeito delicado e violento

Por Rogério Faria Tavares*

Mineiro de São João del Rei, onde nasceu em 1º de maio de 1922, Otto foi o quarto dos vinte filhos do casal Maria Julieta e Antônio de Lara Resende, que estudou no Caraça e era o dono da escola em que o filho fez, como aluno interno, por nove anos, os então chamados cursos primário e ginásial, em atmosfera marcada fortemente pela tradição católica – o que viria a impregnar fortemente a sua literatura.

Asmático, achou que não chegaria aos vinte anos. Aos onze, passou a manter o diário em que registrava suas aflições e suas paixões secretas. Impossível não pensar no Juca, protagonista da novela *Testemunha Silenciosa*. Já na adolescência, costumava dizer que seu maior desejo era ser escritor, destino que acabou partilhando com um dos melhores amigos que a vida lhe deu. Foi ainda em sua cidade natal que Otto conheceu Paulo Mendes Campos, quando os dois tinham quinze anos e jogavam basquete em times opostos: este pelo time do Colégio Santo Antônio, aquele pela equipe do “Padre Machado”. Por essa época, Otto já tinha pronto *O Monograma*, composto por nove histórias, todas a respeito da vida num internato.

A mudança para Belo Horizonte se deu em 1938, onde o pai abriu outra escola. Aluno do curso pré-jurídico do Colégio Arnaldo, Otto ingressou na Faculdade de Direito em 1941, não com a intenção de advogar, mas por considerar que essa era uma etapa natural na trajetória dos escritores brasileiros. O começo na imprensa se deu pelas mãos de João Etienne Filho, depois membro da Academia Mineira de Letras, que trabalhava em *O Diário*, fundado por Dom Antônio dos Santos Cabral, em 1935. Aí, Otto passou a publicar crítica literária, ainda que não se considerasse plenamente apto para a tarefa, como confessou em carta a Álvaro Lins. Ao mesmo tempo, lecionava Português, Francês e História no colégio do pai.

Mesmo com todas essas ocupações, sua vontade de fazer prosa de ficção não arrefeceu. Em 1944, concluiu outro conjunto de narrativas breves, a que deu o título de “Família” e do qual sobreviveram “O pai”, “A tia” e “O avô”. Um ano depois, já formado, resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro, onde já se encontravam os amigos Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Aí, assumiu de vez o ofício de jornalista. Levado por Edgar Godói da Mata Machado, entrou para o *Diário de Notícias*, depois para *O Globo*, quando cobriu a Assembleia Constituinte de 1946. Ao longo de sua carreira, também integrou as equipes do *Correio da Manhã*, da sucursal da *Folha da Manhã*, do *Diário Carioca*, de *O Jornal*, de *Última Hora* e de *Flan*. Ainda atuou na revista *Manchete*, na Rede Globo e, finalmente, como cronista, na *Folha de S. Paulo*, onde escreveu crônicas de enorme repercussão na página dois, até falecer, em dezembro de 1992.

Otto também foi funcionário público. Em Belo Horizonte, figurou nos quadros da Secretaria de Finanças. No Rio, passou pela controladoria mercantil da prefeitura e, depois, pela procuradoria do estado da Guanabara. Adido cultural do Brasil em Bruxelas, na Bélgica, residiu na Europa por três anos, entre 1957 e 1959.

Lançado pela editora A noite, do Rio, *O Lado Humano* marcou a estreia de Otto em livro, em 1952, reunindo nove narrativas breves, e apresentando aos leitores um “universo em formação”, onde as primeiras manifestações do que voltaria, com mais força, cinco anos depois, já aparecem com clareza, como se percebe, especialmente, em *A Pedrada*. Aqui, os protagonistas – dois garotos e uma garota – lançam pedras contra um homem a quem chamam repetidamente, aos gritos, de “veado! veado!”. A líder do trio, curiosamente, é uma menina conhecida por “Juca”, o que causa estranhamento em uma velha que observa a cena de uma janela próxima: “Ué, você tem nome de homem?”, ao que ela responde: “Apelido”, antes de atirar o que lhe restou nas mãos na direção de um poste.

Para Clara de Andrade Alvim, “é fácil perceber [...] a intenção do autor de captar enxutamente episódios triviais de gente comum do meio urbano, em que se revelam comportamentos falhos, tortuosos, preconceituosos e, às vezes ao contrário, muito virtuosos – o lado humano”. Em *Das Dores*, Otto narra a aproximação amorosa entre Lourenço Marques, um homem casado, e a suburbana Sônia (que, na verdade, é *Das Dores*), charmosa balconista de uma loja de roupas do centro. Lírico e suave, o conto flagra uma delicada e fugaz história de amor em meio à agitação e aos ruídos da metrópole. Em *O Morto Insuspeito*, Josias é o cidadão que se vê atormentado e perdido entre guichês de repartições públicas depois de ler, no jornal, o convite para o enterro de alguém com o mesmo nome que o seu.

Segundo Augusto Massi, os nove contos do livro “remetem ao Rio de Janeiro, início da década de 1950, sob uma atmosfera conservadora e burocrática. Homens e mulheres se contemplam no espelhinho da infelicidade, hesitam entre pequenos poderes e imensos pudores, entre recato público e vida dupla. Otto se insinua pelas frestas ficcionais da classe média, atritando ainda mais as relações entre sociabilidade e sexualidade, vizinho de *A Vida como Ela É* (1951), de Nelson Rodrigues, e *Novelas Nada Exemplares* (1959), de Dalton Trevisan.

Em 1957, apareceu *Boca do Inferno*, um conjunto de sete contos sobre o universo infantil, suas sombras e perversões, todos ambientados no interior. A repercussão da obra foi intensa. Em pouco tempo, recebeu mais de trinta resenhas, a maioria desfavorável, como as assinadas por José Roberto Teixeira Leite, Assis Brasil, Roberto Simões, Temístocles Linhares, Ruy Santos e Reynaldo Jardim. Rubem Braga não conseguiu esconder seu desconforto: “A sucessão desses sete contos é angustiante, o leitor não espera nunca nada de bom – e afinal quase sempre acontece o pior. Como em seu livro anterior, *O Lado Humano*, Otto vê a parte miserável, humilhante, embora escreva essas histórias torpes em uma linguagem limpa e cheia de pudor.” Só Eduardo Portella e Hélio Pellegrino emitiram pareceres receptivos. Paulo Mendes Campos escreveu: “Eis aqui um livro de contos e sem literatura. As sete narrativas reunidas em *Boca do Inferno* são descarnadas, agressivas e deprimentes como argumentos cinematográficos do neorealismo italiano. Os enredos esquemáticos pouco importam: o ângulo quase de documentário em que se coloca o narrador dessas sete histórias sobre meninos define o livro.”

Publicada originalmente sob o título de *O Carneirinho Azul*, em 1962 (na coletânea *O Retrato na Gaveta*), na novela que Otto depois rebatizou como *A Testemunha Silenciosa*, o protagonista é, mais uma vez, uma criança vivendo em uma cidade pequena. Oprimido pela mesquinhez das relações sociais e familiares de sua Lagedo natal, de onde planeja escapar, assim que possível, o menino ainda presencia um crime sobre o qual não pode falar uma palavra, o que o deixa ainda mais angustiado. De *O Retrato na Gaveta* também fizeram parte contos como *Os Amores de Leocádia*, *O Gambá, Boa Noite, Vigia, Gato Gato Gato* e *Todos os Homens São Iguais*.

Outra novela de Otto, *A Cilada*, de 1964, saiu primeiro numa coletânea de contos intitulada *Os Sete Pecados Capitais*, organizada por Énio Silveira, da editora Civilização Brasileira, sendo a história sobre a avareza. Considerado por Carlos Heitor Cony como o melhor texto de Otto, nele aparece o personagem Tibúrcio, que entrou rapidamente para a galeria dos tipos mais marcantes da literatura brasileira. Como explica Cristóvão Tezza: “Dessa nítida moldura narrativa vai emergindo a figura grotesca de Tibúrcio, inteiramente composto pelo implacável olhar do povo – e aqui a frase feita, o lugar-comum, o dito popular ou o simples preconceito imemorial vão costurando a imagem do mundo e dos seres, como a única possível; todas as metáforas, breves imagens, sombras bíblicas, paralelos morais ou edificantes, vão sendo arrancados dessa voz coletiva e congelada, que soam tão mais verdadeiros quanto mais pitorescos parecem [...]”

Em 1963, com a publicação de seu único romance, *O Braço Direito*, que ele reescreveria pela vida afora, Otto convida os leitores, de novo, a um passeio por Lagedo, cidade fictícia que já aparecera em *A Testemunha Silenciosa*. O personagem-narrador é Laurindo Flores, que trabalha no Asilo da Misericórdia, cuidando dos órfãos que nele residem. É Ana Miranda quem resume: “O livro nos mostra disputas de poder, humilhações, hipocrisias, avarezas, injustiças, crueldades, doenças, mortes, o mal, enfim. [...] Se pretendia escrever uma obra-prima, ele o conseguiu, plenamente. *O Braço Direito* é um romance precioso, livro de uma vida inteira, um livro único, originalíssimo, repleto de significados, construído com o mais pungente amor pela literatura.”

Doze anos depois, retornando às narrativas breves, Otto lançou *As Pompas do Mundo*, conjunto integrado por sete enredos, entre os quais *Bem de Família*, *O Elo Partido*, *O Guarda do Anjo*, *Viva la Patria*, *A Sombra do Mestre* e *Mater Dolorosa*, além de *A Cilada*, aí republicada. Em 1991, lançou a última coletânea, *O Elo Partido e Outras Histórias*. O escritor mineiro faleceu em 28 de dezembro de 1992.

Entrevistado por Paulo Mendes Campos em 1975, para a revista *Manchete*, ao responder sobre quem era Otto Lara Resende, ele respondeu: “A ideia que faço de mim? Um sujeito delicado e violento. Delicado pra fora, violento pra dentro. Um poço de contradições. Um falante que ama o silêncio. Um convivente fácil e um solitário. [...] Solitude e esquivança compõem meu espectro. Gosto de partilhar, de participar, sou bisbilhoteiro, abelhudo. Gostaria de ajudar todo mundo. Gostaria de viver todos os lances, estar presente. E gostaria também de estar ausente, sumido, fora do mundo”.

*Rogério Faria Tavares é jornalista, doutor em Literatura e presidente emérito da Academia Mineira de Letras.

Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura: o tempo e os fantasmas

Por Diego Mendes Sousa*

Venho proclamar louvores aos tesouros sentimentais oriundos do interior do Piauí. Refiro-me aos escritores da minha predileção: Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura.

Ambos nasceram no ano de 1933 e são membros efetivos da centenária Academia Piauiense de Letras (APL), sendo Álvaro, um filho ilustre da cidade de Jaicós, e Francisco, de Picos.

São dois brilhantes intelectuais que fizeram história e literatura. Estão vivos e consagrados. São os maiores nomes da poesia piauiense. Donos de obras literárias valiosas e elogiadas por gente de proa deste Brasil.

Álvaro Pacheco foi Senador da República e Jornalista, participante da reformulação do *Jornal do Brasil* em 1956, ao lado de Reynaldo Jardim (1926-2011), Ferreira Gullar (1930-2016), Carlos Castelo Branco (1920-1993) e Mário Faustino (1930-1962). Era Editor e proprietário da Artenova, que publicou livros seminais e em primeira edição, de autores excepcionais como Clarice Lispector (1920-1977) e João Ubaldo Ribeiro (1941-2014).

Francisco Miguel de Moura faz parte de uma geração que repensou o Piauí das letras dos anos 1960 do século passado, composta por Herculano Moraes (1945-2018), Hardi Filho (1934-2015) e Tarciso Prado (1938-2018). Escritor completo, Chico Miguel, como é carinhosamente conhecido, é romancista, contista, cronista e crítico literário. A poesia de Álvaro Pacheco e de Francisco Miguel de Moura está mergulhada no despedaçamento da dor humana. Os poetas trabalham com temas caros à essencialidade da existência: tempo, memória, morte e o esvaziamento da eternidade. Além disso, impressionam pela impecável riqueza da linguagem.

Álvaro Pacheco é daqueles artistas que fascinam pela terrível pulsão da sensibilidade. É um predestinado que oferta a sangria das suas experiências e a força da sua alma evoluída: “Guardei muitas lembranças para o meu manuscrito / e inumeráveis eventos gravaram nele seus autógrafos: / talvez seja esse / meu único legado.”

O ritmo lírico de Álvaro Pacheco intensifica os instantes, os gestos, a solidão, os sonhos, a geometria dos ventos, a epifania das estrelas e os itinerários da própria vida. Poeta de energia selvagem, que faz do seu dom, uma mística do encantamento: “A dor da alma conheci demais e meu corpo / poupou-se pelos medos incontáveis.”

Francisco Miguel de Moura é um ser admirável. Homem simples e generoso, que tenho o privilégio de conhecer de perto.

Os tons da poesia de Chico Miguel têm uma fluidez peculiar e muito inteligente, que agregam um universo mágico e passional: “Sou perfume de mim e odor do mundo/ para que a terra me cuspa.”

Íntimo dos sonetos, as imagens e as águas do seu discurso são uma busca incessante pela beleza: “Tú brincavas na areia, ondas salgadas / vinham quebrar-se nos teus pés sem pejo.”

Destaco que Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura estão presentes em uma clássica coleção da poesia brasileira intitulada *50 Poemas Escolhidos Pelo Autor*, das Edições Galo Branco, do Rio de Janeiro, que contempla nomes importantes como Anderson Braga Horta, Gilberto Mendonça Teles, Lêdo Ivo, Carlos Nejar, Antonio Olinto, Antonio Carlos Secchin, A.B. Mendes Cadaxa, Astrid Cabral, Emil de Castro, Gabriel Nascente, Afonso Henriques Neto, Ives Gandra Martins, Lina Tâmega Peixoto, Lourdes Sarmento, Darcy França Denófrio, Diego Mendes Sousa, Marcus Vinicius Quiroga, José Inácio Vieira de Melo, dentre outros notáveis.

Álvaro Pacheco apareceu no volume 17 (no ano de 2006), enquanto Chico Miguel de Moura, no volume 65 (no ano de 2013).

Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura são valores da poesia da atualidade que merecem aclamação pela qualidade e quantidade da produção e, sobretudo, pela inestimável elevação da cultura literária em nosso país.

Poemas de Álvaro Pacheco escolhidos por Diego Mendes Sousa:

Os fantasmas

Abro a gaveta
onde se esconderam uns fantasmas
e eu guardei outros, disfarçados de palavras,
camisas limpas que não pude vestir
e papel em branco, envoltos
em ninhos de sombras
e pedaços de luz
da lamparina de azeite
do oratório de minha mãe

Abro a gaveta
vagarosamente, assustado
para que não me assustem
como quando era menino
e os temia
mas conversava com eles
na escuridão do quarto.

Tenho medo da gaveta
e desses seus conteúdos
que poderão trazer de volta os fantasmas,
os que guardei e os que se esconderam

Apenas esperando o tempo
de se apresentarem à minha solidão
e desesperança
para cobrar a vida que não tivemos
eu e os meus predecessores, eu
e os meus perseguidores, eu
e os que não me amaram, eu
e os que não pude amar

Esses fantasmas todos
perdidos e escondidos
nestas gavetas de ventos e de fantasias
entreabertas pelos vácuos de minha vida
e depositárias, como fantasmas,
dos anseios do tempo inteiro,
e do que restou de minha inocência
dos anos de luz, esses curtos anos
de mitos e fantasias
realizados no cristal da infância.

=

Os mortos

Nem sempre
se podem evitar os mortos
e lamentar seu convívio com as flores
que pretendem cultivá-los,
como os asfódelos, os jacintos
os lírios e as camélias,
mas lhe deformam a palavra
e os afastam
do pudor dos vivos.

Os mortos são mais íntimos
dos ciprestes e dos plátanos
– que representam a eternidade vegetal –
e talvez dos girassóis
que inspiram a luz,
que neles já se extingue
quando são colhidos.

Os mortos jamais ficam nos cemitérios:
por causa das flores,
perambulam pelos jardins

à procura das que ainda estão vivas
e podem perceber suas presenças
como não acontece
com as que os viram morrer.

*Diego Mendes Sousa é poeta piauiense. Autor de *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (Edições Galo Branco, 2010, volume 53).

Ana Maria Gonçalves: pioneirismo na ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Dani Paiva



Os imortais da ABL na histórica posse de Ana Maria Gonçalves.

Nas pedras dos corredores da Academia Brasileira de Letras, nas cadeiras numeradas que guardavam apenas silêncios de gênero e cor, entrou uma voz – quente, firme, ancestral: a da escritora mineira Ana Maria Gonçalves.

Ela passa a sentar na cadeira 33, mas também ergue de pé os que estavam à margem. Sua elegância literária carrega o peso da história, a leveza da escrita, o desejo de ver-se no espelho da grande literatura.

O dia da posse – 7 de novembro de 2025 – entrou para a história nos mundos literário e negro, ao mesmo tempo. O painel em néon da artista visual Juliana Borges, com a frase “Uma mulher negra feliz é um ato revolucionário”, projetado no telão, arrepiou os presentes ao som do clássico “Embala eu”, na voz agreste de Clementina de Jesus (1901-1987), um pouco antes do discurso de posse da nova imortal. Em sua fala, Ana Maria causou polêmica ao dizer que foi escolhida por falar “pretuguês” e praticar a “escrevência”. Foi emocionante ver a Academia Brasileira de Letras (ABL) abarrotada do povo preto, muitos vestindo branco, como pede o *axé* na sexta-feira, dia de Oxalá, ao lado de tantos nomes relevantes. O cantor e compositor baiano Gilberto Gil, que ocupa a cadeira 20 da Casa desde 2022, fez a entrega do diploma.



Ana Maria recebe diploma da ABL do acadêmico Gilberto Gil.

Na coletiva de imprensa, um pouco antes da cerimônia, foi Ana Maria, de 55 anos, quem perguntou aos jornalistas: “Por que demorou 128 anos para que uma mulher negra estivesse aqui, numa cadeira de tantas outras que, com certeza, já teriam capacidade e vontade?”.

Sinal de que o mundo está mudando. Outro assunto que reverberou foi o pioneirismo do figurino: o

fardão de Ana Maria foi criado coletivamente pelas costureiras da Portela, inspirado no vestido usado por Rachel de Queiroz em sua posse, em 1977, e com elementos da ancestralidade. Ana destacou que “o processo de confecção do fardão é muito caro para o escritor” e viu valor em levar a costura para a escola de samba que deu visibilidade ao seu livro mais famoso (*Um Defeito de Cor*, escrito em 2006, foi enredo da Portela no Carnaval de 2024): “ser enredo da Portela tirou o livro da bolha”, afirmou. Com esse gesto político, a acadêmica vai além e valoriza o trabalho dos artistas periféricos que colocam a sua arte a serviço do Carnaval.



Ana Maria Gonçalves, em seu fardão portelense, no púlpito do Petit Trianon.

E em seu discurso futuro – que todos escreverão juntos – estará não só ela, mas uma casa que agora abre uma porta, um caminho para quem ficou fora. E fica a promessa de que aquela cadeira ora ocupada possa, amanhã, ser apenas uma entre muitas que acolham a diversidade brasileira – em cor, voz, origem, sonho.

Com 30 votos dos 31 possíveis, um resultado quase unânime em uma instituição que nunca dera esse passo antes para uma mulher negra, Ana Maria teve sua eleição confirmada como um momento histórico. Décima terceira mulher eleita na história da ABL, a acadêmica, que sucedeu o saudoso gramático e filólogo Evanildo Bechara, é a primeira mulher negra a integrar a

instituição desde a sua inauguração. Fundada em 1897, a Casa de Machado tem quarenta cadeiras perpétuas, ocupadas por membros vitais. Em mais de um século, poucas mulheres foram eleitas – e dentre elas, nenhuma mulher negra até agora.

A escolha de Ana Maria Gonçalves, portanto, rompe um silêncio institucional: não apenas de cor, mas de gênero, de origem, de quem pode ocupar a palavra pública e simbolizar representatividade.

A vítima invisível dessa tradição é a diversidade: de cor, de gênero, de memória. Daí, a posse marcar um passo enorme, nascendo como símbolo – e como ponte. Símbolo de que, mesmo em instituições centenárias, o tempo pode se inclinar. Ponte entre o que foi e o que pode tornar-se: uma ABL mais representativa, aberta aos múltiplos recantos da literatura brasileira e às vozes que, apesar de estarem aqui, aguardavam ser ouvidas.

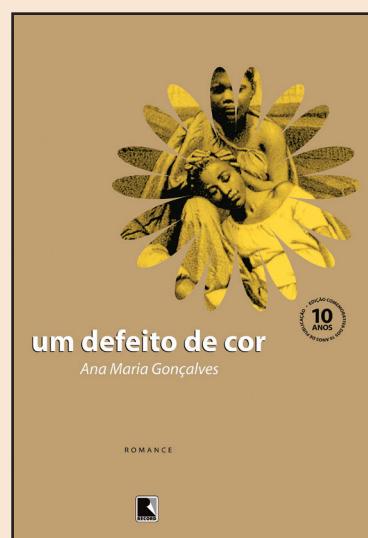
HISTÓRIA

Ana Maria Gonçalves nasceu em 1970, em Ibiá, Minas Gerais. Publicitária por formação, morou em São Paulo por treze anos até se cansar do ritmo intenso da cidade e da profissão. Em viagem à Bahia, encantou-se com a Ilha de Itaparica, onde fixou moradia por cinco anos e descobriu sua veia de ficcionista, passando a se dedicar integralmente à literatura e ao multifacetado universo cultural da diáspora africana nas Américas.

Sua estreia no romance aconteceu em 2002, com a publicação de “Ao lado e à margem do que sentes por mim” – “livro terno, íntimo, vivido e escrito em Itaparica”, segundo o depoimento de Millôr Fernandes. O texto teve circulação restrita, em primorosa edição artesanal.

Em 2006, tornou-se conhecida em todo o país com o lançamento de *Um Defeito de Cor*, narrativa monumental de 952 páginas. O romance encena em primeira pessoa a trajetória de Kehinde, nascida no Benin (atual Daomé), desde o instante em que é escravizada, aos oito anos, até seu retorno à África, décadas mais tarde, como mulher livre, porém sem o filho, vendido pelo próprio pai a fim de saldar uma dívida de jogo.

O texto dialoga com o modelo pós-moderno da metaficação historiográfica e remete às biografias de Luiza Mahin – celebrada heroína do Levante dos Malês, ocorrido em Salvador em 1835 – e do poeta Luiz Gama – líder abolicionista e um dos precursores da literatura negra no Brasil, também vendido como escravo pelo próprio pai.



Um Defeito de Cor (2006), em edição comemorativa da Record pelos 10 anos da publicação.

ocasião da denúncia de racismo no livro *As Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, produziu diversos artigos sobre o tema. Mais tarde, quando das reações a um comercial de televisão em que a representação de Machado de Assis era feita por um ator branco, novamente a escritora veio a público e se uniu aos protestos que redundaram num pedido de desculpas e na produção de outra peça com um ator negro.

Dotada de aguçada visão crítica quanto às relações sociais vigentes e solidária com os estratos subalternizados da população, Ana Maria Gonçalves vem participando de inúmeros debates no Brasil e no exterior. Além disso, faz da internet e das redes sociais um importante meio para trazer a público seus questionamentos em textos marcados por poderosa argumentação. Seu projeto literário não abdica, pois, de a todo instante provocar a reflexão do leitor quanto às condições históricas que levam à permanência da desigualdade, do racismo e de demais formas de discriminação. Entre outros projetos, finaliza um romance voltado para o público juvenil, mas com a mesma perspectiva crítica de nossas mazelas sociais que vem se tornando a marca registrada de seus escritos.

A MAGNITUDE DO MOMENTO

Muitos são as razões que apontam para o significado profundo dessa eleição, entre elas o reconhecimento de voz. Como afirmou Ana Maria Gonçalves: “Não posso carregar o peso de representar toda uma população que continua marginalizada e que é ela própria incrivelmente diversa.”

A transformação simbólica é outro ponto a se destacar. Instituições mudam – ainda que lentamente. Essa posse é sinal de que o tradicional pode se abrir. De que o “ninguém antes de nós” pode tornar-se “alguém agora”. O acréscimo não é só numérico, mas simbólico: rompe uma rota de silêncio.

Para jovens escritoras negras, para leitoras negras, para leitoras em geral – ver alguém que compartilha cor, gênero, ancestralidade ou origem geográfica assumindo um espaço custoso é apontar um caminho.

O Brasil que cabe nas letras deve abranger todos os Brasis: afrodescendente, indígena, do Norte, do Sul, da periferia, da colônia, do litoral. A ABL, ao abrir essa cadeira para Ana Maria, sinaliza: reconhecemos que esse Brasil diverso deve estar representado.



As acadêmicas Fernanda Montenegro, Rosyska Darcy de Oliveira e Miriam Leitão na posse da imortal Ana Maria Gonçalves.



A família prestigiou a posse de Ana Maria Gonçalves.

Um ano produtivo

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

A grande vantagem em participar da seleção de prêmios literários é a possibilidade de termos em mãos a produção editorial do ano findo, como um panorama de investimentos, qualidade, escolhas e acertos.

Convidada por Verônica Lessa para compor o júri na escolha dos livros do Prêmio Sylvia Orthof, na categoria Literatura Infantil, do Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2025, juntamente com Gabriela Gibral e Rona Hanning, nos detivemos na análise de cerca de 350 obras inscritas.

Autores iniciantes e autônomos se uniram a autores e artistas consagrados na busca pelo reconhecimento de suas obras.

Apresento os três títulos que se destacaram e alguns dos livros que me encantaram neste difícil trabalho de escolha e consenso.

O primeiro lugar foi unânime, não tivemos qualquer dúvida na eleição de *Encaramujado*, de Vana Campos, com projeto gráfico e ilustrações de Raquel Matsushita, editado pela Perabook Editora. O grande vencedor.

Encaramujado

– A vida do caramujo Marujo se transforma após uma grande mudança! Após algumas dificuldades, ele finalmente encontra o seu lugar, *chegando aonde nunca imaginou estar*. O formato grande e especial, as ilustrações impactantes e a incrível aventura apresentam situações que necessitam de escolhas e adequação. Lindo livro!

O segundo lugar, *Saudade*, é de uma delicadeza incrível, quer na suavidade das ilustrações de Odilon Moraes, quer na história de Alessandra Roscoe, da Editora Gaivota.

Saudade – A Casa não se satisfaz com o próprio destino. *Casa não sai do lugar, / melhor é se conformar*. Por estar próxima do mar, a Casa tem outros sonhos e espera realizá-los!

Em terceiro lugar, *Azul Haiti*, texto e ilustrações de Paty Wolff, de Rondônia, editado pela Companhia das Letrinhas e que nos comove com a saga dos imigrantes que saem de seu país de origem na busca por uma vida melhor.

Azul Haiti – O pequeno, que nasceu no Brasil, acompanha a mãe em suas andanças pelas ruas para vender as frutas que carrega em um carrinho de mão. Pelos seus olhos passam as histórias cheias de lágrimas, de saudade e de esperança que a mãe conta ao menino. O projeto visual é lindo e, como diz Otávio Júnior no texto da quarta capa: “um convite a navegar por um mar de histórias que nos levam a refletir sobre o nosso lugar no mundo.”

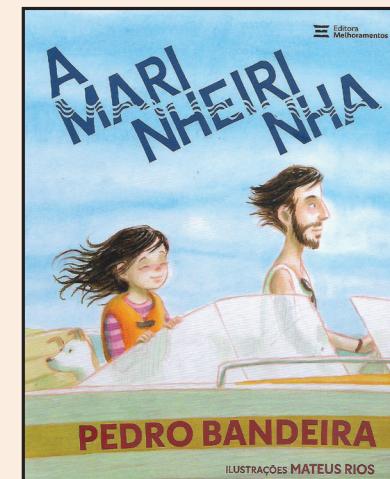


Acrescento outros títulos que me encantaram, que enriqueceram o acervo enviado e que pela qualidade das histórias, fizeram com que as minhas escolhas não fossem fáceis. Com esses títulos, penso na alegria das crianças, são textos criativos, divertidos e com aventuras.

A Marinheirinha

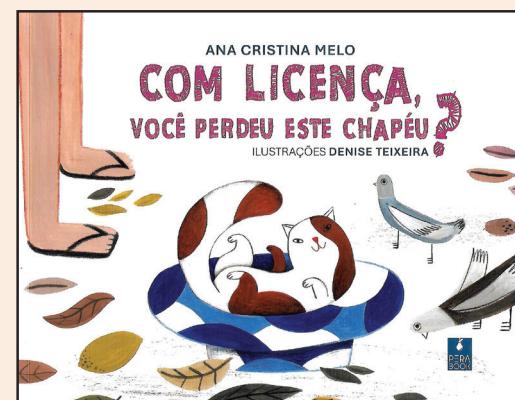
– (Melhoramentos) – Pedro Bandeira é autor consagrado, com mais de cem títulos publicados e inúmeros prêmios. Grande vencedor de

prêmios juvenis, navega na literatura infantil com uma obra que, de forma elegante, mostra o lado mau de alguns personagens que facilmente encontramos em nosso mundo social atual. Inveja, fraude, violência são vencidos com emoção e coragem. As ilustrações de Mateus Rios nos transportam para a ação.



Com Licença, Você Perdeu Este Chapéu?

– (Perabook) – Texto de Ana Cristina Melo e ilustrações de Denise Teixeira. Ao sair para procurar sua gata fujona, Mila encontra um chapéu. Agora a menina tem duas tarefas: encontrar a gata e o dono do chapéu. Histórias encadeadas, com os personagens se conectando sequencialmente, divertem e motivam para a sucessão de surpresas.



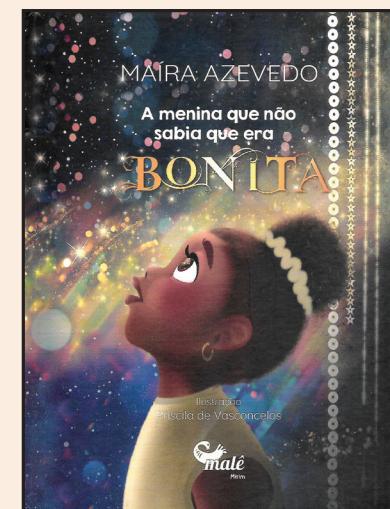
O Melhor Dia da Minha Vida

– (Joaquina) – Letícia Graciano apresenta a alegria de forma simples, completa, com uma criança que brinca no quintal! As ilustrações narram a história e pequenas frases servem para enfatizar a ação, registrada na capa especial. Barro, chuva, lama... e um banho ao final. Delícia de livro! Faço uma ressalva às letras invertidas.



A Menina que Não Sabia que Era Bonita

– (Malê) – Maíra Azevedo escreveu e Priscila Vasconcelos ilustrou. A beleza da capa já chama a atenção para a qualidade da obra. Os depoimentos de Taís Araújo e Ivete Sangalo (na quarta capa) reforçam a importância da história. A descoberta da beleza pela menina, com a ajuda de uma moça de roupa dourada que aparece em seu sonho (seria Oxum?). Ao encontrar ao lado de sua cama o espelho que recebeu no sonho, ela descobre a sua beleza, de seus ancestrais, a sua origem de lutas e vitórias. Lindo livro que traz emoção e empoderamento.



acervo JL

**TAYLOR JENKINS REID**

(Acton, 20 de dezembro de 1983) Escritora norte-americana. É conhecida por seus livros *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* (2017), *Daisy Jones & The Six* (2019) e *Malibu Renasce* (2021). Começou a escrever enquanto trabalhava em uma escola de ensino médio, até conseguir um contrato de publicação. Trabalhou com produção de filmes, tendo trabalhado em escalação de elenco por três anos. Seu primeiro livro, *Para Sempre Interrompido*, foi publicado em 2013. *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* foi publicado em 2017, narrando a história de uma ficcional antiga estrela de Hollywood, enquanto ela revela misteriosos segredos da sua vida e de seus casamentos. Seu livro de 2019, *Daisy Jones & The Six*, reconta os altos e baixos de uma ficcional banda de rock dos anos 1970. Ela vem sendo adaptado para uma minissérie pelo *Amazon Studios*. Taylor mora em Los Angeles com seu marido, Alex Jenkins Reid, e a filha do casal. Romances: *Atmosphere* (2025); *Carrie Soto is Back* (2022); *Carrie Soto Está de Volta* (em Portugal, Topseller, 2022); *Malibu Rising* (2021); *Daisy Jones & The Six* (2019); *The Seven Husbands of Evelyn Hugo* (2017); *One True Loves* (2016); *Maybe in Another Life* (2015); *After I Do* (2014); *Forever Interrupted* (2013). Novela: *Evidence of the Affair* (2018). Premiações: *Malibu Renasce* foi finalista no Book of the Month em 2021; *Daisy Jones & The Six* venceu o Goldsboro Books Glass Bell Award em 2020; *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* foi finalista no Book of the Month em 2017.

acervo JL

**ADRIANA LISBOA**

(Rio de Janeiro, 25 de abril de 1970) Escritora brasileira. É autora de romances, além de poemas, contos e histórias para crianças. Seus livros foram traduzidos para inglês, francês, espanhol, alemão, árabe, italiano, sueco, romeno e sérvio, e publicados em catorze países. Integrou várias antologias de contos e poesia no Brasil e no exterior. Recebeu o Prêmio José Saramago, em Portugal, pelo romance *Sinfonia em Branco*, o Prêmio Moinho Santista, no Brasil, pelo conjunto de seus romances, e o prêmio de autor revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) por *Língua de Trapos*. Fez mestrado em literatura brasileira e doutorado em literatura comparada na UERJ. Foi ainda pesquisadora visitante no Nichibunken, em Kyoto (2006), na Universidade do Novo México (2007) e na Universidade do Texas, em Austin (2008-2009). Entre outros autores, traduziu para o português obras de Cornac McCarty, Margaret Atwood, Stefan Zweig, Robert Louis Stevenson, Jonathan Safran Foer, Emily Brontë e Maurice Blanchot. Sua novela *O Coração Às Vezes Para de Bater* foi adaptada para o cinema no Brasil por Maria Camargo, num premiado curta-metragem. Cresceu em sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Morou na França, em Paris e Avingnon, e desde 2007 vive a maior parte do tempo nos EUA, numa pequena cidade no Colorado. Bacharel em música pela UNIRIO, foi cantora de MPB na França aos dezoito anos, e mais tarde professora de música no Rio.

acervo JL

**TONY BELLOTTO**

Antonio Carlos Liberalli Bellotto (São Paulo, 30 de junho de 1960) é um músico e escritor brasileiro. É guitarrista e compositor da banda de rock Titãs desde a sua criação. Começou sua carreira tocando na cidade de Assis, onde passou sua infância. Compôs vários clássicos dos Titãs, como *Policia*, *Isso*, *Sonífera Ilha*, *Flores*, *O Pulso*, *Televisão*, *Domingo* entre outros. Foi agraciado com o Prêmio Multishow em 2000. Estreou na literatura em 1995 com *Bellini e a Esfinge*, primeiro de uma bem-sucedida série de livros policiais. De 1999 a 2016, foi apresentador do programa *Afinando a Língua* no canal Futura. Entre 2008 e 2011, manteve uma coluna na revista *Veja* chamada “Cenas Urbanas”. A partir de junho de 2013, começou a escrever no jornal *O Globo*. Lançou quatro romances com o investigador Bellini: *Bellini e a Esfinge* (1995), *Bellini e o Demônio* (1997), *Bellini e os Espíritos* (2005) e *Bellini e o Labirinto* (2014). Também escreveu *BR163: Duas Histórias na Estrada* (2001), *O Livro do Guitarrista* (2001), *Os Insones* (2007), *No Buraco* (2010), *Lô* (2018), *Dom* (2020), entre outros. Em 2015, lançou o livro infantil *Família*, em parceria com Arnaldo Antunes. Em março de 2020, lançou seu décimo romance, *Dom*. Lançou seu 11º livro, o romance *Vento em Setembro*, em julho de 2024. O livro recebeu o Prêmio Jabuti de Romance Literário em 2025. Tony é casado com a atriz Malu Mader, com quem tem dois filhos. O músico também é pai de Nina, fruto de uma relação anterior.

Os senhores da palavra nas atas acadêmicas

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

A Academia Brasileira parece ser um infundável repositório de histórias e casos espirituosos e mesmo jocosos, devidos à personalidade de cada um ou aos tratos de convivência entre os seus acadêmicos. Em cento e trinta anos de história, inúmeras são as situações dignas de registro, perpetuando ditos, chistes e tretas entre personagens cuja memória mostra-se no mínimo de interesse para conservação. A presença óbvia de Josué Montelo nesses territórios da memória acadêmica, entretanto, não esgota o repertório, já que outros a esse trabalho podem se dedicar. De concreto, liste-se o livro *Os Senhores da Palavra: Academia Brasileira de Letras humanas e bem-humoradas*, de Murilo Melo Filho, como espécie de continuador do trabalho de Montelo nesse gênero de registros.

O acadêmico Murilo Melo Filho, advogado, jornalista e escritor potiguar, ocupou na Academia Brasileira de Letras a cadeira 20. *Os Senhores da Palavra* foi publicado pela Topbooks, em 2014, e desfila por catorze capítulos e duzentas e noventa e nove páginas de casos acerca de oitenta acadêmicos, todos falecidos à altura. Essas coleções de casos, histórias e ditos espirituosos, recolhidos (quando não reconstituídos) da boca de personalidades literárias relevantes, prestam grande serviço à história literária nacional, obviedade que tive ocasião de registrar quando me referi aos Anedotários da Academia recolhidos por Josué Montelo,

nome inigualável também nesse domínio das letras. Reconhece-o, a propósito, o próprio Murilo Melo Filho, que, na “Explicação” prévia ao texto, afasta a “petulante pretensão” de dar “continuidade ou desdobramento” ao *Anedotário* de Montelo. E registrou constatação que entrega a generosa intenção porque se guiou ao selecionar e registrar os casos: “de quase todas elas [as notas] seus personagens renascem maiores e melhores.” Não se procure, portanto, a crítica desmoralizante ou destrutiva, mas a exposição de fato curioso, a realçar algum traço da personalidade do enfocado. Tudo no intuito de servir à memória da Academia, eis que esta, “vetusta por natureza, nem por isso dispensa o humor, presente em muitos casos e episódios”, registrou o acadêmico Evanildo Bechara na orelha do livro.

Creio ser essa, a de recolher histórias, casos, ditos e chistes, uma preocupação legítima: útil ao convívio dos confrades, exemplo para outras associações, repositório de informações pessoais e institucionais, registro de tempos únicos que, se assim não fosse, não mais seriam lembrados. Uma tal recolha deve obrigatoriamente incluir a consulta às atas – aliás, uma das fontes utilizadas por Murilo Melo Filho –, pois a riqueza dos registros das atas da Academia Brasileira, do PEN Clube, das associações regionais (de inegável interesse no âmbito das suas respectivas atuações), não pode e não deve ser desprezada. E não me faço genérico nesta passagem: longe da pretensão de imitar Montelo ou Murilo Melo Filho, já tive oportunidade de comentar para a *Folha Literária*, da Academia Espírito-santense de Letras, trecho de ata constando requerimento ao pobre secretário, por um acadêmico a quem fora negada a proposta de transcrever no documento discurso de um ministro francês, que então se transcrevessem as obras de Machado de Assis. Situação salva por um outro acadêmico, sugerindo que o proponente indicasse qual dentre as produções de Machado merecia ser transcrita em primeiro lugar. Enfim...

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.



arte Desenharte

zerobertograuna@gmail.com

Por Zé Roberto

DEBORAH TRINDADE

A Caricatura ao Vivo, tradicional modalidade de arte em eventos promocionais, perdeu recentemente sua mais importante representante: a caricaturista Deborah Trindade. A artista faleceu no dia 9 de novembro passado, após manter-se internada para tratamento de um câncer.

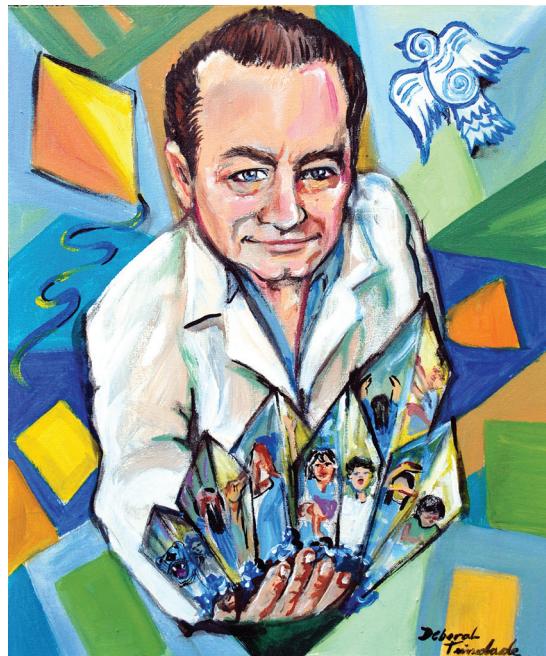
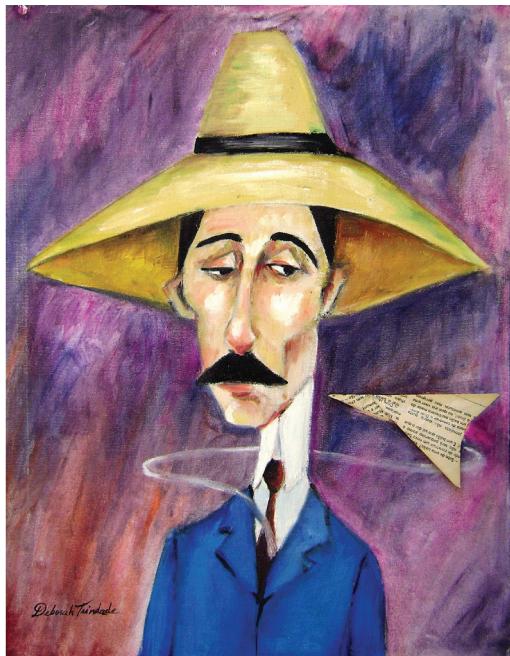
Artista nascida em São Paulo no dia 7 de janeiro de 1966, Deborah Álvares Trindade formou-se em Ciências Biológicas pelo Unisuam – Centro Universitário Augusto Motta, tendo também cursado especialização em ciência, arte e cultura na saúde, pela Fundação Oswaldo Cruz.

No Rio de Janeiro, foi uma das mulheres pioneiras na arte da caricatura ao vivo quando, a partir de 1991, atuou no projeto promocional da agência Standard, Olgivy & Matters, no evento Amor com Humor se Paga, no qual trabalhou em parceria com o cartunista e professor Jorge Guidacci, com quem Deborah estudou desenho e pintura no Senac, da Marechal Floriano, em 1989.

A desenhista é uma das fundadoras do extinto grupo Caricatura Solidária, equipe de desenhistas cariocas que atuou em ações filantrópicas, trocando gratuitamente caricaturas instantâneas por doações de alimentos não perecíveis, agasalhos ou produtos de saúde e higiene. O grupo se notabilizou especialmente em suas primeiras ações, no final de 2010, por ocasião dos eventos de auxílio às vítimas das chuvas que atingiram a Região Serrana do Rio



Santos Dumont, Portinari e Nair de Teffé nas cores de Deborah Trindade.



Deborah num belo cartão postal de Nei Lima.

de Janeiro. Naquela oportunidade, o coletivo solidário uniu-se em parceria com a Cruz Vermelha, o que proporcionou a arrecadação de mais de 500 kg de mantimentos, em apenas 3 dias de atuação no Largo da Carioca. Ainda pelo grupo, Deborah marcou presença no 11º Salão Internacional de Humor de Caratinga, em 2011, quando participou de uma ação benéfica na cidade mineira, além de participar como uma das juradas do certame ao lado de mestres como Adail, Carvall e Guidacci.

A caricaturista participou de diversas mostras coletivas, entre as quais as exposições Santos Dumont – Caricaturas, no Incaer, em 1993; Imenso Cordão – Homenagem aos 50 anos de Chico Buarque de Hollanda, no Museu Nacional de Belas Artes, em junho de 1994; Mulheres de Traço Forte, no Sesc – Ramos; Guerra e Paz, Portinari com Humor, na galeria Cândido Portinari, na UERJ, (ambas em 2012); Elas por Elas, as Atletas Brasileiras por Nossas Artistas, em 2016, e Nair de Teffé, a Primeira Dama da Caricatura, em março de 2018, as duas últimas na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói.

Deborah Trindade deixou um filho, Matheus Trindade, também um talentoso artista dedicado às artes e cultura popular. Nas redes sociais, amigos e colegas de traço lamentaram a passagem prematura da artista e renderam-lhe diversas postagens em sua homenagem. Entre as mais significativas, destaco a belíssima fotografia, de autoria de Nei Lima, talentoso caricaturista e fotógrafo, que recuperou um clique de 2011, durante um passeio por Niterói. Com rara sensibilidade, Nei imortalizou a imagem da artista passeando por uma paisagem praiana da Cidade Sorriso, em companhia de seu filho, tendo ao fundo a bela visão do Pão de Açúcar. Uma fotografia “à la” cartão postal.

Saúde e Arte!

Realismo fantástico, história e imaginação na obra de Adelpho Poli Monjardim - Parte II

Por Francisco Aurelio Ribeiro* (Parte II de matéria publicada na edição 309 do JL)

Outra vertente literária de Adelpho Poli Monjardim é a de historiador, como tão bem revelou em sua última obra publicada, *A Entrevista de Guayaquil*; no entanto, ela, às vezes, se confunde com a do ficcionista, e o resultado não é tão bom, como se pode ver na obra *O Brasil no Ano 2100, Ensaio*, de 1988. Nela, o velho historiador Sorel, "Nobel de História" – não existe – é visitado por um jovem universitário, Daniel Sikorkis, em sua "casa de aspecto nobre", na rua Barão de Monjardim, em Vitória (onde vivia Adelpho), no dia 16 de setembro (aniversário do autor) de 2100. Seu objetivo é entrevistar o historiador ficcional sobre uma tese que pretende escrever sobre a História, "a narração crítica dos grandes Estados, Guerras, grandeza, preponderância e decadência dos mesmos". Sorel afirma ser ambicioso seu projeto, mas se propõe ajudá-lo. Primeiro, discutem se História é ciência ou arte, chegando à conclusão de "Não nos interessa como definir a História", pois são "assuntos de lanacaprina". E aí começa a longa digressão do pseudo historiador, que começa a discorrer sobre Alexandre, César e Aníbal, Cipião, o Africano, Epaminondas, Pirro, suas batalhas, vitórias e derrotas. Discorre sobre Aníbal, o cartaginês, o maior de todos, segundo ele, cujo "retrato moral moldura o físico". Para o senil historiador, "sem lutas e sem antagonismos, as sociedades cairiam em torpez que as incapacitaria para o progresso. A guerra é um fenômeno humano, político e social e resulta das atividades e aspirações dos homens". Para ele, "A guerra é quase uma lei da natureza". Essa premissa do historiador Sorel é a mesma do ficcionista Monjardim, o que se revela em quase toda a sua obra não ficcional. Embora ele discorra sobre a história mundial, desde a antiguidade até os tempos atuais, como a história da eterna guerra entre os homens, ele a conclui com uma futurologia utópica, ficcionalizando a realidade: "Estamos em pleno Ano 2100. O Brasil prospera e não para de crescer. Pacificado o mundo, a razão voltou à humanidade. Guerras, guerrilhas, revoluções, são coisas do passado. É com horror que o homem moderno percorre as velhas páginas da História. Possuiria o homem de outrora dupla personalidade? Espécie de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*? O homem que realizava feitos portentosos, conquistas sublimes nos campos da Ciência, dilatando os conhecimentos do Cosmos, conquistando a Lua, visitando planetas, era o mesmo que deflagrava guerras de extermínio, hecatombes de sangue em que mergulhavam as nações? Hoje a paz é real, verdadeira, universal. A tranquilidade. A Pomba da Paz, que há milênios alçou da Arca o voo fraterno, conduzindo o ramo de oliveira, baixou entre nós. Hosanas a Deus nas alturas. Paz na Terra aos homens de boa vontade".

Em outro de seus livros, *O Preço da Glória*, publicado pelo IHGES, do qual era membro atuante, em 1985, desde o Preâmbulo, Adelpho P. Monjardim define o seu conceito de História: "Que é a História senão relato de crimes e desgraças?" Nesse livro, escolheu vinte personagens históricos para mostrar como, "muitas vezes, a criatura se volta contra o criador". Dos vinte escolhidos, 18 são homens e 2 mulheres, Joana D'Arc e Madame Curie. Os outros são: Robespierre, o alpinista inglês Whymper, Savonarola, Amundsen, Santos Dumont, Mussolini, Fernão de Magalhães, Tiradentes, Joseph Smith, o Mórmon, Otto Lilienthal, inventor do planador, Lord Carnarvon ou A maldição de Tutankhamon, Hitler, Domingos José Martins, Giordano Bruno, Gandhi, Colombo, Simón Bolívar, Aníbal, o Cartaginês. Creio que a simples escolha desses personagens históricos já seria sintoma para diagnosticar, ideologicamente, o escritor Adelpho Monjardim. Basta, no entanto, um deles, Benito Mussolini, de quem afirma: "Reconhecemos nele grande político, grande estadista, extremado patriota e sobretudo incomparável administrador. A sua ação de homem público, de larga visão, de pronto se fez sentir. [...] A presença de Mussolini se impôs positiva, transformando o país como um passe de mágica. As ferrovias, péssimas e deficientes, passaram a ser modelo. Levantou a nação, o moral do povo, voltando o nativo a orgulhar-se da pátria." Monjardim conclui seu texto laudatório a Mussolini, lamentando: "Notável estadista e administrador, em que pese os seus erros, não merecia a morte infamante, o fim ignóbil. Enfim, no mundo, tudo é passageiro, mesmo a Glória. Filho da sua fértil imaginação, das elucubrações das longas vigílias políticas, em meio a uma Itália conturbada, Mussolini criou o Fascismo e terminou vítima do próprio gênio." Por aí, pode-se ver o posicionamento ideológico do autor diante da História.

Em 1948, criou-se a Lei Municipal 20/48, instituindo o Prêmio Cidade de Vitória, que oferecia um valor em dinheiro e a publicação da obra vencedora. Cinco concorrentes se candidataram e Adelpho Poli Monjardim saiu vencedor com a obra *Vitória Física*, juntamente com Maria Stella de Novaes. Sua obra trata dos aspectos físicos e geográficos da Ilha de Vitória, seus bairros, morros e pedras, de uma forma que granjeou a admiração dos leitores. Adelpho, que já era bem conhecido como ficcionista, torna-se reconhecido por seu caráter de pesquisador, o que o levou a ingressar no IHGES. Como afirma no Prólogo "PORQUE", sempre teve inclinação pela Geografia, sobretudo a Física: "as montanhas exercem sobre meu espírito estranha sedução – talvez influência do meio. Que é

Vitória senão montanhas?" A 1ª edição do livro saiu em 1949 e uma segunda, em 1995, org. de Amylton de Almeida.

Após o sucesso da publicação de *Vitória Física*, Adelpho publica três obras não ficcionais: *O Exército visto por um Civil, Bolívar e Caxias, paralelo entre duas vidas* e *Uma Entrevista com Simón Bolívar*, em todas revelando sua admiração pelo militarismo e pelos grandes militares da História. Somente em 1976 saiu seu novo romance de aventuras *Um Mergulho na Pré-História*, já anunciado na 1ª ed. de *Vitória Física*, uma edição de 393p. O livro trata da aventura de Lord Summerville, que reuniu uma equipe, dentre a qual o brasileiro Carlos Madeira, para penetrar no interior do Brasil, pelos rios Tocantins e Araguaia, em busca de comprovação de sua tese de que dinossauros e hominídeos coabitaram, no mesmo tempo e espaço. Depois de longa viagem cheia de perigos, dentre os quais uma quadrilha de traficantes internacionais, ataque de animais selvagens e de aguerridos nativos, chegam ao Vale da Morte, onde todas as suas expectativas foram bem-sucedidas, incluindo o encontro de animal antediluviano ainda vivo. Com apenas uma perda, a do geógrafo Huston, o périgo pela selva amazônica termina em Belém, com o regresso de George, outro membro da expedição, à Inglaterra convocado para lutar na II Guerra Mundial. Os elementos fantásticos presentes em toda a viagem e, principalmente no Vale da Morte, como animais gigantes, dentre outros, mostram a extraordinária capacidade inventiva do autor. Afinal, já lhe vaticinara o pai: "Vai ser escritor ou um grande mentiroso."

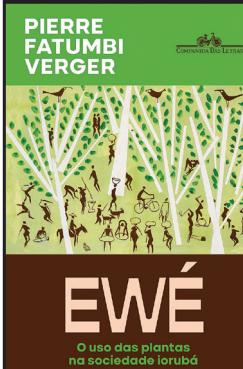
Seu terceiro romance, *Os Imigrantes*, publicado em 1980, reconstitui a saga do Conde Luigi de Castiglione, "alto, espadaúdo e atlético, um belo homem" que, ao se empobrecer na Itália, por ter emprestado dinheiro ao governo italiano durante as guerras de unificação, vem com a mulher, Gina, e o Filho, Benito, como imigrante, para o Brasil. Seu destino era São Paulo, mas o comandante os desembarca em Piúma. Daí, são levados para o Diretor do Serviço de Imigração, Aristides Guaraná, militar da Guerra do Paraguai, que, ao ver sua cultura e "nobreza", diferente dos rudes imigrantes que chegam, o contrata como secretário. Vivem cinco anos no Espírito Santo, depois vão para São Paulo, onde Benito continuará os estudos e o Conde administrará a fazenda de café do Comendador Arzão, colega de caserna de Guaraná. O final é feliz: o Conde recupera sua fortuna emprestada ao governo, recompra o castelo de sua família, compra uma das fazendas do Comendador e Benito se compromete com a filha do fazendeiro vizinho, após achar uma bolsa de riquezas perdidas por antigo bandeirante em suas terras. Infelizmente, essa não foi a sorte de milhares imigrantes italianos, alemães e outros, que vieram para o Brasil e aqui só encontraram muito trabalho, fome e muita formiga. A história do Conde Luigi, imigrante italiano, é bem diferente de outras já escritas no Espírito Santo, como a de *Karina*, de Virgínia Tamanini, *Da Itália ao Brasil*, de Ormando Moraes, *Do Veneto para o Brasil*, *Giovani Maria e La vita de Vitorio*, de Douglas Puppim. Parece que, até na literatura, a fantasia favorece os ricos enquanto a realidade é dura para os pobres.

Seu segundo livro publicado foi *Novelas Sombrias*, com o qual ganhou, em 1936, o Prêmio Muniz Freire do Concurso Literário e Científico do Espírito Santo, no Rio, pela Editora A Noite, em 1944. Naquela época, não havia editoras capixabas. Sobre esse livro recebeu vários elogios, dentre os quais o de Raul Pederneiras: "Sinto nas páginas de seu livro, inicialmente, o atrativo que immortalizou Hoffmann, com muito maior verossimilhança e estilo insinuante" e o de Armando Gonçalves: "O vitorioso escritor capixaba, em suas novelas, se nos afigura à feição de Edgard Poe, pelas suas tendências para os assuntos macabros que deram ao gênio americano a sua notabilidade." Ernest T. A. W. Hoffmann (1776-1822), escritor romântico, compositor, desenhista e jurista alemão, conhecido como um dos maiores nomes da literatura fantástica do século XIX, bem como o escritor norte-americano Edgar A. Poe (1809-1849), conhecido por suas histórias de mistério, considerado o inventor da ficção policial e da ficção científica, são as duas principais referências para a literatura de Adelpho Monjardim. Embora tenha escrito seus contos da segunda metade do século XX ao final, Monjardim segue modelos literários do século XIX, como se pode comprovar, nos oito contos publicados em *Sob o Céu de Ísis*, em 1978, bem como nos *Contos Fantásticos*, de 1980. Os vinte contos dessa obra são, claramente, influenciados pelo realismo fantasmagórico, com presença de elementos insólitos ou macabros comuns às narrativas de Poe e de Hoffmann, no século XIX.

Portanto, Adelpho Poli Monjardim deixou, como principal legado para a literatura do Espírito Santo, preciosa incursão ao gênero literatura fantástica, em sua obra ficcional de contos, novelas e romances; em sua contribuição à História e à Geografia, publicou obras que nos fazem recorrer à história da humanidade e, sobretudo, à da América Latina, veiculada em sua visão bastante pessoal dos fatos históricos; mas, sobretudo, o seu veio mais forte é o profundo conhecimento e amor que devotou a sua cidade natal, Vitória, e ao nosso Estado, o Espírito Santo, como se pode comprovar em *Vitória Física*, *O Saldanha do meu Tempo* e *O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore*. Em seus vinte e dois livros publicados, em cerca de cinquenta anos de produção literária, metade de sua longa vida, Américo Poli Monjardim deixou de legado nove títulos literários, sendo três de romances/novelas, quatro de contos fantásticos, um de crônicas memorialísticas e um de lendas capixabas. É sua melhor obra e merece ser reeditada e estudada para conhecimento das novas gerações. Sua obra não literária totaliza dez livros de ensaios históricos, geográficos e biografias; dois de diálogos ideológicos, defensor apaixonado do militarismo, do patriotismo e da ditadura militar e o seu discurso de posse na AEL, em 1973. Sem nenhuma dúvida, seu maior legado para o Espírito Santo e para as letras capixabas é a sua criação literária, a introdução do realismo fantástico no Espírito Santo e o amor que tinha à sua terra natal. Encerro este ensaio com as suas palavras, em seu discurso de posse na AEL, em 28 de junho de 1973: "Nos livros que escrevi, em todos está minh'alma genuflexa ante o seu altar."

*Francisco Aurelio Ribeiro é membro da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL) e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES).

JL Novos Lançamentos



TRADIÇÃO ORAL

Resultado de décadas de pesquisa na África, *Ewé* (Companhia das Letras) reúne 447 fórmulas iorubás medicinais e rituais, registradas por Pierre Fatumbi Verger. Um clássico que revela a força da tradição oral e a herança cultural que une Brasil e África, recuperado para esta nova edição. Em 1952, em Queto, hoje na República do Benim, Pierre Verger foi iniciado como babalaô, recebendo o nome de Fatumbi, “renascido pela graça de Ifá”. Aprendeu então os segredos da medicina iorubá, transmitidos a ele oralmente por seus mestres babalaôs. Ao longo dos anos seguintes, coletou milhares de receitas, anotando o uso das plantas iorubás e as encantações, tão essenciais quanto os outros ingredientes. *Ewé* apresenta 447 dessas fórmulas na íntegra, em iorubá e português, divididas em: receitas de uso medicinal; receitas relativas à gravidez e ao nascimento; trabalhos relativos às divindades, de uso benéfico, de uso maléfico e de proteção contra trabalhos maléficos. O autor oferece ainda preciosas informações de referência, como glossários com a nomenclatura das plantas em iorubá e sua classificação científica, e comenta a relação entre os nomes dados às plantas e a ação esperada delas, uma associação poética recriada para transmitir os conhecimentos que há séculos passam de geração em geração, oralmente. Com *Ewé*, Pierre Fatumbi Verger lança luz sobre uma cultura baseada na oralidade e diversa daquelas apoiadas na palavra escrita.

Resultados de décadas de pesquisa na África, *Ewé* (Companhia das Letras) reúne 447 fórmulas iorubás medicinais e rituais, registradas por Pierre Fatumbi Verger. Um clássico que revela a força da tradição oral e a herança cultural que une Brasil e África, recuperado para esta nova edição. Em 1952, em Queto, hoje na República do Benim, Pierre Verger foi iniciado como babalaô, recebendo o nome de Fatumbi, “renascido pela graça de Ifá”. Aprendeu então os segredos da medicina iorubá, transmitidos a ele oralmente por seus mestres babalaôs. Ao longo dos anos seguintes, coletou milhares de receitas, anotando o uso das plantas iorubás e as encantações, tão essenciais quanto os outros ingredientes. *Ewé* apresenta 447 dessas fórmulas na íntegra, em iorubá e português, divididas em: receitas de uso medicinal; receitas relativas à gravidez e ao nascimento; trabalhos relativos às divindades, de uso benéfico, de uso maléfico e de proteção contra trabalhos maléficos. O autor oferece ainda preciosas informações de referência, como glossários com a nomenclatura das plantas em iorubá e sua classificação científica, e comenta a relação entre os nomes dados às plantas e a ação esperada delas, uma associação poética recriada para transmitir os conhecimentos que há séculos passam de geração em geração, oralmente. Com *Ewé*, Pierre Fatumbi Verger lança luz sobre uma cultura baseada na oralidade e diversa daquelas apoiadas na palavra escrita.

TRIBUTO

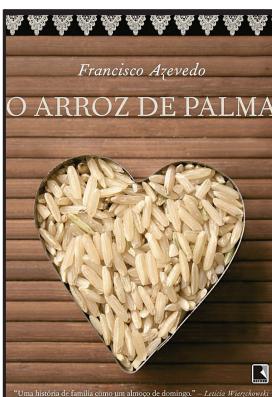
Ambientada nos anos 1960, *A Última Canção* (Editora Arqueiro) de Lucinda Riley é uma cativante e devastadora história de amor e perda. Resgatada e renovada pelo filho de Lucinda Riley, Harry Whittaker, ela agora pode ser descoberta por novos leitores. “Embora tenha nascido em Lisburn, minha mãe sempre sentiu que West Cork era seu verdadeiro lar... *A Última Canção* é um tributo a West Cork. Desde o início, o texto carrega as marcas do estilo de Lucinda. Você vai descobrir amores passionais, perdas trágicas e um segredo devastador do passado.” – Harry Whittaker. Sorcha O’Donovan sonha com uma vida emocionante bem longe do litoral de West Cork, na Irlanda, o lugar onde cresceu. Quando conhece Con Daly, o belo músico do vilarejo, ela sabe que tudo está prestes a mudar. Já em Londres, Con faz sucesso com a banda The Fishermen e parece prestes a desfrutar um futuro maravilhoso com Sorcha. Mas o lado sombrio da fama faz a vida deles virar de cabeça para baixo. O cantor começa a receber ameaças, e segredos do passado podem arruinar tudo que eles construíram. Vinte anos depois, a banda concorda em se reunir para um grande show benéfico. Mas Con Daly, galã e representante de toda uma geração, está desaparecido há mais de uma década. Somente uma pessoa é capaz de descobrir o que aconteceu. Alguém que conhecia a vida, os amores e a carreira daqueles que participaram do sucesso dos Fishermen...



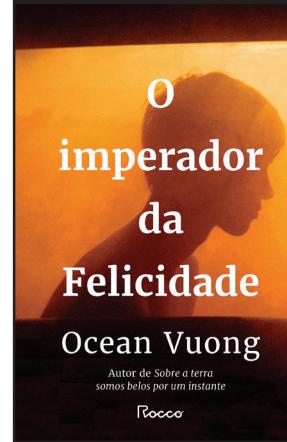
Ambientada nos anos 1960, *A Última Canção* (Editora Arqueiro) de Lucinda Riley é uma cativante e devastadora história de amor e perda. Resgatada e renovada pelo filho de Lucinda Riley, Harry Whittaker, ela agora pode ser descoberta por novos leitores. “Embora tenha nascido em Lisburn, minha mãe sempre sentiu que West Cork era seu verdadeiro lar... *A Última Canção* é um tributo a West Cork. Desde o início, o texto carrega as marcas do estilo de Lucinda. Você vai descobrir amores passionais, perdas trágicas e um segredo devastador do passado.” – Harry Whittaker. Sorcha O’Donovan sonha com uma vida emocionante bem longe do litoral de West Cork, na Irlanda, o lugar onde cresceu. Quando conhece Con Daly, o belo músico do vilarejo, ela sabe que tudo está prestes a mudar. Já em Londres, Con faz sucesso com a banda The Fishermen e parece prestes a desfrutar um futuro maravilhoso com Sorcha. Mas o lado sombrio da fama faz a vida deles virar de cabeça para baixo. O cantor começa a receber ameaças, e segredos do passado podem arruinar tudo que eles construíram. Vinte anos depois, a banda concorda em se reunir para um grande show benéfico. Mas Con Daly, galã e representante de toda uma geração, está desaparecido há mais de uma década. Somente uma pessoa é capaz de descobrir o que aconteceu. Alguém que conhecia a vida, os amores e a carreira daqueles que participaram do sucesso dos Fishermen...

IMIGRANTES

O Arroz de Palma (Editora Record) de Francisco Azevedo fala de família. Antonio, já com 88 anos, prepara um grande almoço para comemorar os cem anos do casamento de seus pais. Os irmãos, já octogenários como ele, e todos os seus descendentes comparecem à celebração. O enredo ocorre ao personagem em forma de lembranças de família. Em clima de realismo fantástico, o fio condutor é o arroz jogado no casamento dos patriarcas, quando a trama tem início, no dia 11 de julho de 1908, em Viana do Castelo, Norte de Portugal, no casamento de José Custódio e Maria Romana. Terminada a cerimônia, o arroz que desaba sobre os noivos é torrencial, chuva branca que não para. O cortejo segue em festa pelo vilarejo, mas a romântica Palma permanece ali, feliz com todo aquele arroz espalhado pelo adro da igreja. Muito pobre, ela havia decidido, com entusiasmo, que aquele seria o seu presente de casamento para o irmão e a cunhada. Infelizmente, o arroz, dado com tanto amor, resulta na primeira briga do casal. A partir daí, por quatro gerações, todas as disputas, os conflitos, os dramas e as alegrias da família giram em torno do arroz. *O Arroz de Palma* fala das raízes do imigrante lusitano. Da gente simples, honesta e trabalhadora que veio em busca de uma vida melhor em terras brasileiras, cheia de sonhos e projetos e que, transplantada neste solo, com muita luta e espírito de superação, aprofundou raízes, cresceu e deu frutos.

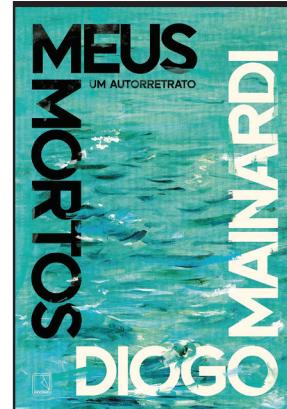


O Arroz de Palma (Editora Record) de Francisco Azevedo fala de família. Antonio, já com 88 anos, prepara um grande almoço para comemorar os cem anos do casamento de seus pais. Os irmãos, já octogenários como ele, e todos os seus descendentes comparecem à celebração. O enredo ocorre ao personagem em forma de lembranças de família. Em clima de realismo fantástico, o fio condutor é o arroz jogado no casamento dos patriarcas, quando a trama tem início, no dia 11 de julho de 1908, em Viana do Castelo, Norte de Portugal, no casamento de José Custódio e Maria Romana. Terminada a cerimônia, o arroz que desaba sobre os noivos é torrencial, chuva branca que não para. O cortejo segue em festa pelo vilarejo, mas a romântica Palma permanece ali, feliz com todo aquele arroz espalhado pelo adro da igreja. Muito pobre, ela havia decidido, com entusiasmo, que aquele seria o seu presente de casamento para o irmão e a cunhada. Infelizmente, o arroz, dado com tanto amor, resulta na primeira briga do casal. A partir daí, por quatro gerações, todas as disputas, os conflitos, os dramas e as alegrias da família giram em torno do arroz. *O Arroz de Palma* fala das raízes do imigrante lusitano. Da gente simples, honesta e trabalhadora que veio em busca de uma vida melhor em terras brasileiras, cheia de sonhos e projetos e que, transplantada neste solo, com muita luta e espírito de superação, aprofundou raízes, cresceu e deu frutos.



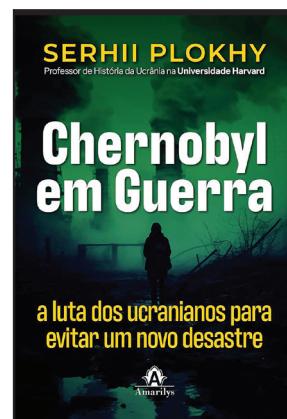
PACTO DE SOBREVIVÊNCIA

Numa noite chuvosa de fim de verão, um jovem imigrante está prestes a se jogar de uma ponte na Felicidade do Leste, uma cidadezinha esquecida no interior de Connecticut. Do outro lado do rio, porém, uma voz o impede – é Grazina, uma viúva lutando contra o avanço da demência. Essa conexão improvável entre duas pessoas à deriva dá início a uma relação que, ao longo de um ano, se transforma em um frágil pacto de sobrevivência mútua. *O Imperador da Felicidade* (Editora Rocco) de Ocean Vuong, é uma história sobre aqueles que vivem à margem da sociedade – jovens, velhos, imigrantes, pobres, viciados –, descartados pelo sonho americano e relegados aos bastidores do progresso. Ocean Vuong transforma esses esquecidos em protagonistas de beleza pungente, capturando momentos de conexão humana em meio ao colapso econômico, à rotina esmagadora do trabalho, às minúsculas perdas diárias e à insistência em, apesar de tudo, continuar vivendo. Com sua prosa precisa e lírica, Vuong revela como a dor compartilhada pode abrir espaço para ternura e pertencimento, mesmo entre aqueles que o mundo insiste em esquecer. Aqui, não há idealizações, apenas a verdade crua e bela do que significa seguir em frente. Uma história sobre segundas chances – não como milagres, mas como mínimos atos de coragem cotidiana.



TESTAMENTO LITERÁRIO

Diogo Mainardi encara a arte, a morte e a própria decadência em um livro implacável. Entre ruínas venezianas e pinturas de Tiziano, ele transforma o fracasso – estético, existencial e humano – em linguagem, e a linguagem em rendição. Com ironia e um desespero quase sublime, a *graphic novel* de não ficção *Meus Mortos* (Editora Galera) é o retrato impiedoso de um tempo sem transcendência. Diogo Mainardi perambula por Veneza, seguindo o rastro de Tiziano, acompanhado por seu cachorro e fotografado por seu filho Nico. De peste em peste, de morte em morte, ele reflete pateticamente sobre seu fracasso individual e – mais ainda – sobre o fracasso coletivo de seu tempo. Incapaz de qualquer forma de transcendência, apropria-se da arte desesperada e sublime do maior pintor da História, que retratou melhor do que ninguém nossos fracassos individuais e coletivos – assim como o sexo, o poder, a bestialidade humana, a brutalidade dos deuses e o fim dos tempos. Durante esses itinerários venezianos, a linguagem do grande pintor esmaga a do pequeno escritor. As imagens asfixiam as palavras. Mas não se trata apenas de uma supremacia estética. A pincelada de Tiziano confere uma forma e uma cor – e, em certos momentos, até mesmo um arremedo de sentido – à pequenez do escritor. Em seu testamento literário, Diogo Mainardi despe-se completamente e, com as nádegas de fora, ostenta sua derrota.



DESASTRE IMINENTE

Em *Chernobyl em Guerra: A luta dos ucranianos para evitar um novo desastre* (Editora Manole), o renomado historiador Serhii Plokhy revela uma nova face da tragédia que mudou para sempre a relação da humanidade com a energia e com o poder. Em fevereiro de 2022, quando as tropas russas invadiram a Ucrânia, o mundo voltou a ouvir o nome Chernobyl. O que parecia apenas uma lembrança distante do desastre de 1986 tornou-se novamente palco de tensão, medo e resistência. Durante mais de um mês, engenheiros e técnicos ucranianos foram mantidos como reféns dentro da usina, trabalhando sob extrema pressão para evitar uma nova explosão nuclear, enquanto o exército inimigo ocupava as instalações, e as linhas de comunicação eram cortadas. A partir de depoimentos diretos, documentos inéditos e análise minuciosa, Plokhy narra com precisão histórica e sensibilidade humana os 35 dias em que o destino da Europa voltou a depender da estabilidade de um reator. Entre o heroísmo silencioso e o risco absoluto, esta história mostra o que acontece quando a guerra invade o coração da tecnologia, e quando a verdade, a ciência e a coragem se tornam as únicas defesas possíveis. Com sua escrita envolvente e rigor intelectual, Serhii Plokhy constrói um relato poderoso sobre o impacto da guerra na era nuclear, convidando o leitor a refletir sobre as fragilidades do mundo moderno.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

 · Federações · Sindicatos ·  · 
Sistema Comércio

O farol de Darcy Ribeiro em um país dividido

Por Pedro Machado Mastrobuono*

Fui convidado pela Casa Darcy Ribeiro como uma das dez personalidades a escrever sobre Darcy, e esse convite me honra de uma forma difícil de medir. Quando recebi a notícia, a minha primeira lembrança não foi acadêmica nem institucional. Foi íntima. Lembrei-me do menino que fui, em Lima, no Peru, observando Darcy Ribeiro frequentar a minha casa, conversando com meu pai, Marco Antônio França Mastrobuono, e irradiando uma energia que parecia expandir as paredes ao redor.

Meu pai tinha sido ministro muito jovem, com apenas vinte e oito anos, no governo João Goulart. Até a entrada de Ciro Gomes na política, que assumiu responsabilidades ministeriais aos vinte e sete anos e meio, ele era o brasileiro mais jovem a ter exercido funções dessa natureza. Naquele tempo, Darcy Ribeiro também exerceu funções ministeriais no mesmo governo. Com o passar dos anos, circunstâncias políticas levaram minha família a deixar o país, e fomos morar no Peru, onde passei toda a infância. Darcy também viveu parte de sua vida fora do Brasil e, nesse período, frequentou a nossa casa em Lima. Eu era menino, mas nunca esqueci o magnetismo com que ele falava sobre a identidade latino-americana, como se fosse possível tocar com as mãos a utopia de um continente que se reconhecesse irmão de si mesmo. Lembro-me de que ele repetia, com aquela voz cheia de convicção, que os povos latino-americanos constituíam “a nossa grande contribuição à história da humanidade”, porque eram povos novos, em formação, sínteses vivas da diversidade.

Jamais poderia imaginar que muitos anos depois eu me tornaria advogado especializado em direitos autorais, museólogo, antropólogo, pós-doutor em Antropologia Social, autor de livros e artigos sobre cultura e patrimônio, e que viesse a presidir justamente um instituto concebido por ele, o Memorial da América Latina. A vida, às vezes, parece ter um senso de continuidade que só compreendemos retrospectivamente. Eu cresci ouvindo Darcy falar sobre pertencimento. Hoje, presido uma instituição cuja missão central é iluminar esse pertencimento. E, diante disso, sinto que a frase de Clifford Geertz ecoa ainda mais forte: “A diversidade humana não é um fardo, é o ambiente onde a cultura floresce.” Darcy compreendia isso de forma profunda e visceral.

Darcy tinha um entendimento sofisticado de que a cultura é o arcabouço invisível que sustenta a vida coletiva. Para ele, a identidade nacional e a identidade latino-americana não eram abstrações retóricas. Eram projetos concretos, materiais, educacionais. Criou a Universidade de Brasília, imaginando-a como um laboratório intelectual para o país que ainda não existia, mas precisava existir. Concebeu o CIEP, Centro Integrado de Educação Pública, símbolo de uma revolução silenciosa em que educação, cultura e proteção social caminhavam juntas. Darcy dizia que “a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto”, e por isso imaginou políticas capazes de romper com o destino previsto para milhões de crianças brasileiras.

Essa visão influenciou políticas posteriores, como o projeto dos CEUs em São Paulo, na gestão de Marta Suplicy, e ecoou longe das fronteiras brasileiras. Medellín, considerada uma das cidades mais violentas do mundo, transformou-se ao abraçar uma estratégia muito parecida: bibliotecas-parque, centros culturais, equipamentos educativos descentralizados, aprendizagem como eixo de pacificação. A antropologia sempre reconheceu o poder dessas estruturas de convivência. Não por acaso, Lévi-Strauss afirmava que “quanto mais singular um povo, mais ele fala à humanidade inteira”. Darcy compreendia essa singularidade latino-americana como uma força civilizatória.

O Memorial da América Latina, que Darcy imaginou como um altar laico das identidades que formam o continente, é expressão dessa filosofia. Ele jamais quis um monumento estático, mas sim uma

usina de encontros, debates, pertencimentos e futuros. Transformou o Memorial em cátedra da UNESCO porque via na América Latina não apenas uma soma de países, mas uma constelação de histórias capazes de produzir um destino comum. Darcy era um artífice da esperança. O Brasil fazia sentido para ele apenas quando dialogava com o continente ao qual pertence. A própria obra de Néstor García Canclini, ao falar das culturas híbridas que compõem a América Latina, parece comentar diretamente o projeto de Darcy: a hibridez não é uma fragilidade, mas uma potência.

Hoje, quando observo o mundo e o Brasil, sinto uma falta profunda desse olhar. Vivemos uma era em que a polarização se converteu em doença autoimune. Uma parte significativa do país rejeita a outra, como se estivéssemos condenados a uma guerra civil simbólica. As últimas eleições revelaram um país dividido de maneira quase espelhada, e o ódio disseminado como linguagem política tem produzido um esgarçamento do tecido social que ameaça a própria noção de convivência democrática. Esse ambiente tóxico compromete o desenvolvimento econômico, a estabilidade institucional e a saúde cívica de um povo que, até pouco tempo atrás, era reconhecido mundialmente como tolerante, cordial, afetuoso, caloroso e profundamente aberto à diversidade. Darcy certamente diria que estamos desperdiçando aquilo que temos de mais valioso. E estaria certo quando afirmava que “só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar; eu não vou me resignar nunca”. Sua indignação era pedagógica.

O Brasil é um país singular. Nenhum outro lugar do mundo possui uma identidade tão amplamente miscigenada a ponto de permitir que qualquer rosto possa ser um rosto brasileiro. Esse patrimônio antropológico extraordinário, essa multiplicidade étnica, linguística, religiosa e cultural, faz-nos um povo de sínteses raras. Somos filhos de todas as travessias e herdeiros de todas as dores. A força da nossa formação nunca esteve na homogeneidade, e sim na complementaridade. Somos, como Darcy escreveu, povos novos, sociedades em elaboração, culturas em movimento. Roberto DaMatta, ao analisar a sociedade brasileira, sintetizou algo essencial: o Brasil vive da arte de misturar. É justamente essa arte que parece estar se perdendo em meio a disputas irracionais.

Por isso é tão doloroso assistir ao crescimento da intolerância num país cuja riqueza sempre foi a capacidade de acolher. Darcy Ribeiro faz falta porque oferecia uma pedagogia da conciliação, não no sentido frágil de acomodar conflitos, mas no sentido forte de educar para a convivência. Sua obra é uma convocação para que o Brasil se reconheça como país plural, mestiço, continental. Darcy acreditava que não há futuro para nações que não respeitam as diferenças dentro de si. A antropologia lhe ensinou que povos sobrevivem quando aprendem uns com os outros. E ele traduziu esse ensinamento em políticas públicas, universidades, instituições culturais, livros, discursos, projetos e sonhos.

Como brasileiro, sinto uma angústia profunda ao ver que a identidade que sempre nos distinguiu está sendo corroída por disputas irracionais. Sinto que perdemos a disposição para ouvir. Sinto que o ódio está substituindo a imaginação. Sinto, sobretudo, que uma grande maioria silenciosa está cansada de ser arrastada para trincheiras ideológicas que só enfraquecem o país. Darcy Ribeiro sempre acreditou que a educação era o centro ativo do futuro. Retomar seu pensamento não é um gesto nostálgico, mas um imperativo ético. Ele mesmo dizia que “o que mais quero é que o Brasil descubra a si mesmo”. Essa frase, hoje, ressoa como advertência e esperança.

Fui menino quando o vi pela primeira vez, e não compreendia sua densidade intelectual. Hoje, adulto, acadêmico, gestor público e presidente do Memorial da América Latina, reconheço que Darcy Ribeiro não foi apenas um nome importante para o Brasil. Ele foi um farol. Escrever sobre Darcy é escrever sobre um Brasil que ainda é possível. Um Brasil que não teme a diversidade, que não demoniza a diferença, que sabe que a cultura é a argamassa da democracia e que entende que um país só se constrói quando respeita a pluralidade de seus próprios filhos.

O Brasil está necessitado, mais uma vez, da coragem civilizatória de Darcy Ribeiro. E cabe a nós, herdeiros de sua obra, garantir que essa coragem permaneça viva.

*Pedro Machado Mastrobuono é Presidente da Fundação Memorial da América Latina; pós-doutor em Antropologia Social; agraciado pelo Senado Federal com a Comenda Câmara Cascudo por sua trajetória na defesa do patrimônio cultural brasileiro.

Coração de Estudante

Por Peilton Senna*

O preço da IGNORÂNCIA
É sempre muito alto
Para qualquer país
Ou nação

Éramos mais
Do que colegas de classe
Éramos amigos,
Família, irmãos

De mãos dadas
Com o conhecimento
Sob a luz maior
Da EDUCAÇÃO

Em meio a números, fórmulas
Palavras... a escola era a nossa
Segunda casa; porto seguro,
Ponte para a imensidão

Cada um tinha um apelido
Mas não éramos atingidos
Pelos atos agressivos
Do bullying

Que hoje mata
Mutila, humilha
Causa dor à mente, ao corpo
A alma...

Nosso uniforme
O único que tínhamos
Vestíamos com muito
Orgulho

Éramos alunos
Estudantes da insigne
Escola Normal
2 de Julho

Vidas que se achavam
pequenas? Não
Sonhos grandes
Olhar no futuro
Operários em construção

Todo ser humano só se
transforma
E transforma sua realidade
Quando lhe é dado o DIREITO
Inalienável a EDUCAÇÃO

E mesmo nada sendo como
antes
Cada professor e professora
Aquele tempo, nossas histórias
Seguem vivos na memória
Do nosso pulsante coração de
estudante.

Marina e o mar

Por Peilton Senna*

Sobre a mureta
Mainha contempla o mar
O mar observa mainha
Ambos se enxergam
Na dimensão do mesmo olhar

Um olhar materno
De pureza e poesia
O outro de um azul profundo
Emoldurado em sal e maresia

Mainha e o mar
Alma e água
Em estado puro de contemplação

Forma humana e líquida
Solitude e imensidão

Duas vidas que se cruzam
Sobre a mesma praia da
existência

Enfrentando seus rochedos
Compartilhando sabedoria e
resistência

O mar ensina a mainha
Seu poder de resiliência
Mainha revela ao mar
Sua força e paciência

E como ondas que se
Desfazem na areia
Mainha e o mar
Aprenderam juntos a sagrada
Lição da impermanência

O mar se despediu de mainha
Com afeto e gratidão
Mainha feliz voltou pra casa
Levando o mar no coração

*Peilton Senna é membro da Academia Santista de Letras e da ALAPG.

**Toda teoria
tem um lado
prático.
ESTÁGIO**
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você
aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- WORKSHOPS E PALESTRAS
- CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545

CIEE
CENTRO DE
INTEGRAÇÃO
EMPRESA-ESCOLA
RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br





Com um catálogo plural
e de alta qualidade,
as **Edições Sesc**
oferecem livros que
promovem o acesso
à educação, às artes
e à cultura. Nossos títulos
são cuidadosamente
selecionados para estimular
o pensamento crítico
e o diálogo sobre temas
relevantes da atualidade.

saiba mais



edições
Sesc

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp